Análise do perfil sócio-econômico-cultural dos ingressantes na UNICAMP (1987-1994): democratização ou elitização.

Lara Andréa Crivelo Bezzon

Universidade Paulista
Núcleo de Políticas Públicas
Universidade Estadual de Campinas

Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da
Universidade de São Paulo

Apresentação[*]

O presente estudo pretende traçar o perfil do aluno que compõe os cursos oferecidos pela Universidade Estadual de Campinas. Sendo a Unicamp uma Universidade Pública de muito prestígio, interessa a todos e à sociedade em geral, conhecer o perfil dos profissionais que estão sendo formados por ela[**] .

O tema é altamente relevante no momento em que se discute o ensino pago nas Universidades Públicas e os exames finais dos cursos superiores. Pretendemos também oferecer subsídios para análises mais concretas do perfil dos alunos da Unicamp e colaborar com a formulação de políticas internas da Universidade, além de oferecer elementos para a reflexão sobre o papel da Universidade no país.

A partir do perfil sócio-econômico-cultural dos ingressantes na Unicamp durante o período de 1987/1994, pretende-se examinar se há ou não um processo de elitização na escolha de determinados cursos oferecidos pela Universidade.

Desenvolvimento da pesquisa

Para identificarmos a "elite universitária" construimos um índice a partir de um levantamento estatístico, feito com informações sócio-econômico-culturais dos ingressantes na Universidade entre 1987 a 1994.

Iniciamos analisando os dados referentes a 1987, por ser este o ano em que a Unicamp realizou seu primeiro vestibular independente da FUVEST. O período analisado foi de oito anos de vestibular. Nosso objetivo era descobrir como é que se comportam os dados referentes aos cursos com maior número de alunos elitizados, todos os anos. Será que a ordem de elitização destes cursos se altera nestes oito anos? Ou será que os dez mais elitizados apenas trocam de posição entre si e continuam a ser os mais elitizados sempre? Que tipo de fatores externos à universidade contribuem para esta alteração? O contexto econômico e social do país como um todo, é responsável por algum tipo de modificação desta elite dentro da universidade?

---

[*] Trabalho apresentado na Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

[**] Agradeço a Professora Gilda Portugal Gouvêa e a Professora Regina Moran pelo apoio e orientação deste trabalho. Agradeço em especial ao CONVEST/Unicamp, que forneceu o material necessário para a realização deste trabalho.

A Unicamp oferece atualmente 39 cursos, sendo 25 em período diurno e 14 em período noturno[1]. Os mesmos assim se distribuem conforme as áreas do conhecimento: Exatas 16; Tecnologia 4; Ciências Humanas 8; Artes 4; Biologia7[2].

Tomando como referência o "Questinário Sócio-Cultural" composto por 62 questões, respondido por todos os alunos que se inscrevem em setembro para prestar vestibular da Unicamp, foram selecionadas questões mais diretamente ligadas aos objetivos pretendidos, isto é, informações mais detalhadas sobre o nível sócio-econômico dos alunos. Trabalhamos apenas com os dados dos alunos aprovados no vestibular de cada ano proposto e com aqueles efetivamente matriculados. As questões são as seguintes:

-*Em que tipo de estabelecimento de ensino você cursou o 1º grau ?*
-*Em que tipo de estabelecimento de ensino você cursou o 2º grau ?*
-*Qual a renda total mensal de sua família?*
-*Qual o nível de instrução de sua mãe?*
-*Qual o nível de instrução de seu pai?*
-*A que categoria pertence a ocupação de seu pai?*
-*Você exerce alguma atividade remunerada?*

Para cada uma das questões escolhidas temos uma justificativa que legitima a escolha feita. Ao efetuarmos a escolha tínhamos como hipótese que o tipo de escola que fez o 1º e o 2º grau (Pública ou Privada) é um dado que irá nos fornecer o grau de elitização dos ingressantes pois, supomos que os filhos das classes pouco privilegiadas freqüentem escolas públicas e que destes, os poucos que vão para uma escola particular o fazem somente a partir do 2º grau. Mesmo assim, nossa hipótese é de que se ingressam em uma Universidade pública, geralmente escolhem um curso de menor prestígio social.

Renda Familiar é outro fator importante para nossa pesquisa, porém, sozinho, não nos diz muita coisa, já que temos como objetivo fazer uma análise multideterminada.

Pierre Bourdieu (1979) considera que um dos indicadores mais importantes para medir o fenômeno capital cultural é o grau de instrução dos antepassados do indivíduo, daí, consideramos que a variável ocupação do pai teria também um caráter fundamental nesta análise, pois, o cargo assumido por ele pode refletir seu grau de instrução.

Outra hipótese que tínhamos é que os cursos mais elitizados geralmente seriam aqueles escolhidos por quem tem pais com grau de instrução mais elevado e entendemos que as influências familiares são poderosas na definição da carreira pelos jovens. Daí a maior procura por cursos como engenharias e medicina, que são cursos de maior demanda no vestibular e tradicionalmente de maior *status* na sociedade.

Assim, falar em elitização dos cursos, não significa simplesmente dizer que um determinado curso é mais elitizado por apresentar uma alta porcentagem de alunos com renda familiar acima de 40 salários mínimos. Neste contexto a análise da variável instrução dos pais, refletirá o grau de urbanização das famílias e portanto o peso do capital cultural dos indivíduos que compõem os cursos da Unicamp, o que também pode indicar a elitização de um curso.

---

[1] Os cursos de período noturno da Unicamp passaram a existir somente a partir de 1992.
[2] Dados do ano de 1994.

Já a variável "atividade remunerada", permite-nos levantar como hipótese que em cursos mais elitizados teremos menos alunos trabalhadores e os poucos que porventura trabalham podem estar desempenhando atividades em negócios próprios de sua família ou por desejo de independência.

Os dados tabulados por áreas e cursos fornecidos pelo CONVEST[3], foram ordenados através da análise de correspondência e análise fatorial. Assim chamamos neste trabalho de cursos mais elitizados, os cursos cujos alunos obtiveram as primeiras colocações nos coeficientes estatísticos mencionados, onde se observa desde o tipo de escola que fez o 1º grau até renda familiar do aluno.

Devemos, no entanto, chamar a atenção para o fato que "curso de elite" ou "mais elitizado" nem sempre tem a ver com curso mais concorrido ou cursos de maior demanda. Na maioria das vezes os cursos cujos alunos são mais elitizados não são diferentes dos cursos de maior demanda, porém há exceções.

Mesmo as profissões de maior *status* diante da sociedade podem revestir-se de uma auréola idealizada, em função de conjunturas econômicas, políticas e sociais, que são passageiras e isto nos remete às ilusões do mercado de trabalho. Outra ilusão deste mercado de trabalho são as chamadas "profissões da moda". Um exemplo disto muito bem utilizado por Whitaker é que em 1975, quando o Brasil assinou o acordo nuclear com a Alemanha, os adolescentes que faziam o curso colegial começaram a falar em Física Nuclear, numa completa desinformação do que seja a graduação em Física: "aquela época, pensava-se, talvez, num imenso litoral povoado com gigantescos reatores, onde os físicos (todos 'nucleares') teriam apenas que bater à porta para conseguir empregos. Não imaginavam os problemas ecológicos resultantes nem percebiam que o tal acordo visava nos empurrar a sucata e o lixo atômico que a maior consciência do povo alemão recusava"(Whitaker, 1986:26).

Imaginamos que os resultados gerais desta pesquisa não só sugerirão perfis diferenciados para candidatos a diferentes cursos da Universidade, como apontarão para diferenças de capital cultural.

Um outro dado muito interessante de se observar e que de uma certa forma reflete o peso do capital cultural dos alunos na procura pelos cursos é a variação das médias das notas da redação comparado aos cursos de maior demanda e fazendo um cruzamento com os cursos mais elitizados. Com isto poderemos entender melhor a relação que o capital cultural tem com a maior elitização dos cursos, o que será feito a seguir.

---

[3] Comissão Permanente para o Vestibular da Unicamp

A construção histórica da imagem da Unicamp

A pedra fundamental do *campus* da Universidade Estadual de Campinas, então U.E.C., foi lançada no dia 5 de outubro de 1966. Entretanto, a universidade já existia no papel desde 1962, quando o governo do Estado determinou que se instalasse em Campinas uma Faculdade de Medicina. Ela seria o embrião da nova universidade.

A Unicamp é fruto de um processo de interiorização do ensino superior iniciado no Estado de São Paulo, em 1948, com o propósito de atender à crescente demanda de alunos que, todos os anos, dirigia-se à capital em busca de formação universitária. O projeto de fundação da Unicamp prendia-se às necessidades de pessoal qualificado que atendesse às exigências do processo de industrialização do país, uma universidade que desse ênfase à pesquisa tecnológica e que mantivesse vinculação sólida ao setor produtivo. Acrescente-se a isso que: "havia um projeto de interiorização das indústrias de bens de capital e de bens de consumo durável e à época era o Estado de São Paulo que detinha cerca de 40% da capacidade industrial do país. Por outro lado, Campinas e Região foram fortemente afetados por esse processo de interiorização, sendo que o crescimento industrial a partir da década de 60 foi tal que tornou-se a mais importante atividade econômica do município"(Lima, 1989: p 32)

Criada a Universidade pela Lei 7.655 de 28 de dezembro de 1962, ela manteve-se funcionando precariamente nos anos seguintes apenas com a Faculdade de Medicina e devido a isso, recebia duras críticas do Conselho Estadual de Educação (CEE), que cogitou limitá-la à referida unidade. Seu planejamento como Universidade - organismo composto de várias Faculdades e Institutos - deu-se somente a partir de setembro de 1965, quando o CEE nomeou uma "Comissão Organizadora da Universidade" que foi encarregada de estudar a sua viabilidade. O início dos trabalhos desta Comissão marcou também o princípio da participação do Prof. Zeferino Vaz e de professores de diversas áreas na organização da instituição (Meneghel, 1994: p 145).

A presença na reitoria do Professor Zeferino Vaz, figura que se confunde com o nome da Unicamp, faz com que se pergunte se teria sido diferente o caminho da Universidade não fosse a presença dele.

A atuação do Prof. Zeferino Vaz à frente da Comissão que organizou a Unicamp foi decisiva para os rumos que ela iria tomar nos primeiros anos da sua implantação, o que é possível compreender se recuperarmos a trajetória percorrida por ele até aquele momento: após haver concluído sua graduação na escola Paulista de Medicina, Zeferino Vaz ingressou na carreira acadêmica, tornando-se pesquisador do Instituto Biológico, em São Paulo. Poucos anos depois foi para a recém-fundada Universidade de São Paulo, onde se tornou diretor da Faculdade de Medicina Veterinária - o que lhe valeu experiência na área administrativa e, também, conhecimento das necessidades e dos anseios de um pesquisador. Nos anos 50 empenhou-se - valendo-se de sua experiência anterior - na criação da Faculdade de Medicina

de Ribeirão Preto (USP), onde formou um *campus* moderno, nos padrões dos existentes nas universidades norte-americanas. De acordo com as exigências de um dos financiadores do projeto, a Fundação Rockefeller, a FMRP foi dotada de regime de tempo integral para os docentes e semi-internato para os alunos, o currículo foi moldado às necessidades da atuação do profissional, houve uma inovação na estrutura didático-científica, foi dada ênfase à pesquisa etc.

Com o golpe militar de 1964, Zeferino Vaz tornou-se o reitor-interventor da Universidade de Brasília; nesta ocasião pode conhecer com profundidade as inovações propostas para a UnB, adquirindo a percepção de Universidade como um todo integrado devido à convivência de todas as ciências e das artes em um mesmo *campus*. Isto possibilitou-lhe perceber a importância da formação humanista no aluno universitário, visão que ainda não obtivera em suas passagens por São Paulo e Ribeirão Preto. Tendo sido também presidente do CEE, Zeferino Vaz conhecia a fundo os processos burocráticos e os problemas do ensino superior no país, além de carregar consigo a experiência e o trânsito político exigido pelo cargo. Ou seja: ao ser nomeado o presidente da Comissão Organizadora da Universidade de Campinas em 1965 ele acumulara um conhecimento na área de administração do ensino superior que lhe possibilitava impulsionar a Unicamp, em termos de implantação e funcionamento, como poucos no país teriam condições de fazer.

Nessa ocasião, inícios do regime militar, Zeferino Vaz foi "responsável por atos repressivos e destituições dentro da UnB, no entanto permitiu que a Unicamp se transformasse num porto seguro para a intelectualidade contrária ao regime, fazendo da Unicamp uma Universidade crítica"(Germano, 1990: p 228).

As universidades brasileiras, em geral, foram palco de invasões e intervenções do Governo Federal. Os reitores passaram a ser nomeados e muitos pesquisadores foram demitidos ou viram-se obrigados a se demitir ou mesmo a deixar o país. Zeferino Vaz aproveitou-se do momento de enfraquecimento dos meios universitários, da ausência de grandes nomes que foram expulsos pelo regime e da difícil situação que enfrentava a USP, a maior universidade do país, procurando manter, dentro da Unicamp, um certo grau de liberdade que permitisse atrair a intelectualidade insatisfeita.

Contratou muitos professores de renome no exterior, e também trouxe de volta ao país muitos dos grandes nomes[1] que haviam se afastado.

Entre os anos de 68 e 69, com grande acesso a verbas estaduais, a universidade se dedicou à compra de equipamentos sofisticados e à contratação de cientistas brasileiros e

---

[1] Inst. de Física- Prof. Dr. Marcello Damy de Sousa Santos, César Lattes; Inst. Química- Prof. Dr. Giusepp Cillento; IMECC - Prof. Dr. Rubem Murillo Marques; Inst. Biologia - Prof. Dr.Walter Hadler; Eng. Elétrica - Prof. Dr. José F. Valverde; Eng. Alimentos - Prof. Dr.André Tazelho; Medicina - Antônio Augusto de Almeida; IFCH - Prof. Dr. Fausto Castilho; Eng. Genética - Friedcrich Gustav Brieger; Eng. Civil - Prof. Dr. Pedro Siqueira; Odontologia - Plínio A. de Moraes; C. Humanas - Prof João Manoel Cardoso de Mello e Luis Gonzaga Belluzzo, entre outros.

estrangeiros de renome, como César Lates, Sérgio Porto e Gleb Wataghin entre outros. Desta forma, a Unicamp se firma rapidamente como importante polo depesquisa e produção.

Em termos de recursos humanos e tecnológicos, o principal objetivo da Unicamp era conseguir os melhores nomes do mundo científico porque pagava salários compatíveis com os das melhores universidades norte-americanas e acima das demais universidades estrangeiras, de forma que podia buscar fora do país cientistas estrangeiros e cientistas nacionais que haviam emigrado. Já em 1971, 50% do corpo docente era composto por doutores, em regime de Dedicação Integral.

A quase ausência de conturbação política aliada à relativa tranquilidade do interior paulista, e mais a perspectiva de iniciar um projeto de Universidade não sujeito à ingerência do autoritarismo do regime de exceção que dominava o país e violentava o sistema de ensino superior, serviram de forte atrativo para professores e pesquisadores, alguns dos quais estavam fora da universidade e às vezes fora do país - por motivo de divergências políticas com o regime militar. Para eles, Campinas foi um refúgio contra a perseguição política que se instalou dentro das Universidades brasileiras, um lugar onde seria possível "respirar" um ambiente políticamente saudável, trabalhar à distância dos perigos da época e produzir sossegadamente. Apenas isto bastava para alguns dos reconhecidamente competentes professores que vieram para a Unicamp, já cansados dos anos da ditadura. A eles a Reitoria assegurou essa tranquilidade política.

Dadas as circunstâncias histórico-políticas do momento, Zeferino Vaz pode exercitar sua personalidade centralizadora, conduzindo hegemonicamente as organizações a desenvolverem sistemas de poder concentrado em uma autoridade absoluta. Provavelmente nos dias de hoje, Zeferino Vaz não conseguiria manifestar plenamente a sua personalidade, pois a comunidade universitária certamente reagiria contra o seu estilo.

Para prevenir eventuais fatos políticos tão comuns quanto indesejáveis na época, Zeferino Vaz colocava-se publicamente como um defensor da prática da verdade científica. Na busca dessa verdade, não poderia haver restrições e, em seu nome, justificar-se-ía toda a liberdade acadêmica. Procurava afirmar-se como um defensor da ciência, com autoridade máxima para decidir autonomamente sobre o que convinha ou não à Universidade em meio à difícil situação política que pouco espaço deixava para tanto. Dizia: "Não quero saber qual é a ideologia do professor. Apenas não admito que ele utilize a Universidade para fazer pregação ideológica. Um professor de política, por exemplo, tem que fazer a exposição de todas as correntes ideológicas. Mas, uma exposição honesta, clara, sincera, rigorosamente científica, de todas as doutrinas. O que ele não pode é usar a sua cátedra para doutrinar. Por isso, não quero saber da ideologia do professor, não penetro na sua consciência. E não admiti nunca que invadissem a Unicamp para deter qualquer professor em razão de ideologia política"[2].

---

[2] Vaz, Zeferino "A Universidade e a economia brasileira". Revista Tibiriçá, Ano V, n. 9, julho/dezembro de 1978.

José Willington Germano (1990) considera que somente o fato de o Professor Zeferino Vaz ter tido livre trânsito entre os militares e ter assim conseguido recursos para implementar seu projeto, não explica o êxito da universidade. Este se ligaria também ao vínculo que desde o início foi mantido com o setor empresarial.

A Universidade foi tratada por Zeferino Vaz como uma empresa, e os vínculos com o setor industrial só vieram reforçar essa nova imagem de universidade. Ele procurou afastar qualquer ameaça de gastos supérfluos e por essa razão os prédios foram construídos como se fossem barracões de uma fábrica, pretendendo-se eliminar de início as consequências funestas da burocratização, postulando a autonomia dos departamentos.

Ao tratar a Universidade como uma empresa esperava-se dela retornos e esses vieram na forma de atendimento à comunidade: nas áreas médicas desenvolveram-se programas de prevenção ao câncer, de atendimento à mulher e à criança, convênios com a Secretaria Estadual de Saúde e INPS; na área de apoio às empresas a Universidade dava assistência gratuita a mais de 500 pequenas empresas no interior paulista e assessoria administrativa e gerencial à pequena e média empresa no projeto iniciado em 1969.

Com o tempo, a Unicamp ganharia a imagem de Universidade tecnológica, conquistando assim o respeito da comunidade acadêmica nacional, espaço nos meios de comunicação e a admiração da opinião pública.

Esse período inicial de construção da Unicamp, entre os anos de 1970 e 1975, foi marcado pela revolução tecnológica gerada pela microeletrônica, cujos resultados concretos apareciam nas máquinas, equipamentos e instrumentos produzidos pelos países avançados, de elevado desempenho e qualidade, possibilitados pela substituição de componentes mecânicos e elétricos por componentes eletrônicos.

Idéias desenvolvimentistas eram consideradas como de "vanguarda" e foi esse vanguardismo que projetou a Unicamp. Foi exatamente na Física do Estado Sólido e Ciência dos Materiais, especificamente na Física de Semicondutores e nas engenharias correlatas que ela se notabilizou (Lima, 1989: p123).

A escolha estratégica de lançar a Unicamp nos meios acadêmicos brasileiros como uma Universidade voltada preponderantemente para a Ciência e a Tecnologia aplicáveis ao setor produtivo, além de oportuna naqueles tempos, contava com o consentimento de parte significativa dos membros da comunidade docente convencida por argumentos adicionais: primeiro, que não havia nenhuma universidade no mundo que fosse boa em todas as áreas. Portanto, a Unicamp deveria gerar no seu início uma competência muito específica em determinada área. Segundo, ela deveria criar uma imagem externa para ganhar prestígio e notoriedade, e, por esta via, atrair recursos para as demais áreas.

Os argumentos foram convincentes e, observando a Unicamp de hoje, pode-se dizer que a estratégia foi bem sucedida.

O papel do empresário também foi muito forte, tanto que antes da inauguração, em 1967, Zeferino Vaz, reuniu-se com empresários da região, para a definição do perfil dos cursos tecnológicos, estreitando a relação da universidade com o setor produtivo (Germano, 1990: p 101).

A preocupação do governo neste período era direcionar o ensino superior para adequá-lo à política desenvolvimentista. Neste sentido, a Universidade seria uma forma de superar o problema do subdesenvolvimento com o auxílio de técnicas modernas de administração e gerência.

Com os recursos fartos de que dispunha, quer se originassem do Governo Estadual ou Federal, a Universidade adquiriu equipamentos de primeira ordem, tendo mesmo adquirido o único computador de grande porte da América Latina; além disso equipou as bibliotecas e fomentou a pesquisa.

Segundo Lima (1989), a Unicamp, por intermédio de seu reitor, antecipou-se aos acontecimentos e firmou-se como Universidade conceituada. A imagem de "Universidade Tecnológica" conquistou para a Unicamp o respeito da comunidade acadêmica nacional, concedeu espaços nos meios de comunicação e admiração da opinião pública. O certo é que o nome Unicamp foi se firmando cada vez mais, à custa ou não de uma campanha de "marketing" publicitário.

É de se notar a ampla divulgação que a imprensa local dava a todas as ocorrências relativas à Universidade: viagens de professores ao exterior, compra de equipamentos, inauguração de prédios, defesas de teses, entre outros.

Concebida a universidade como um modelo de empresa de produção visando a racionalidade das atividades-meio, a Reitoria não se permitia o luxo de ter em cada Instituto ou Faculdade seções de pessoal, de orçamento, de tesouraria, de expediente, de arquivo, de compras, de almoxarifado, de transportes, de alunos, de biblioteca, existindo apenas um serviço centralizado de cada uma destas atividades atendendo à toda a organização.

Durante a gestão de Zeferino Vaz, este sistema pôde ser operado eficazmente. Mas é preciso reconhecer que Zeferino Vaz possuía atributos pessoais que lhe garantiam uma grande competência para exercer esse poder discricionário em pról de fins das instituições, o que tornou funcionalmente positivo tal exercício de autoridade. Era o paradigma do que se costuma denominar de "déspota esclarecido". Ou seja, a capacidade de tomar conta de tudo com proficiência; tomar as decisões certas nos momentos certos sem deixar que algo escapasse.

Incorporação de valores oriundos da cultura do ITA, como disciplina de trabalho e seriedade profissional, também demonstra ter sido um aspecto muito importante para o início da Unicamp.

No período de fundação da Unicamp, desenvolveu-se um sistema interno de poder baseado preponderantemente na competência acadêmica. As bases valorativas da dinâmica do poder: a competência, a seriedade e a austeridade certamente foram fatores de estímulo da competência acadêmica, que alçou a Unicamp, em menos de dez anos de existência, à posição de destaque que passou a ocupar. Nesse sentido, destacaria, também, o papel desempenhado pela Comissão de Ensino e pela Comissão de Tempo Integral nas cobranças referentes ao desempenho do corpo docente. A primeira na averiguação das qualificações do docente ingressante e a segunda na avaliação dos relatórios periódicos de produção científica dos docentes contratados. Mesmo sabendo-se que o trabalho de avaliação não era, em absoluto, abrangente, é certo que foi um fator de aprimoramento da qualidade da produção acadêmica da Unicamp nos seus primeiros anos de vida.

Outro aspecto importante que compunha o "modelo Unicamp" diz respeito a sua dimensão. Nas idéias de sua "*intelligentsia*", a Unicamp não deveria ser uma grande Universidade e nem competir nesta linha com a USP, por exemplo. Ela apenas evitaria o gigantismo, limitando o número de alunos no global e, mais ainda, no ensino de graduação. Ela procuraria não se incomodar em ter o mesmo número de estudantes de pós-graduação que teria na graduação, e deveria investir pesadamente em instalações e meios de pesquisa, como laboratórios e bibliotecas.

Destaca-se também a existência de um projeto pessoal de Zeferino Vaz para a Unicamp, no próprio logotipo, que foi criação dele. Zeferino pretendia a Universidade como a unidade da universalidade dos conhecimentos humanos onde ela se comportasse como um todo orgânico ao invés de uma colônia de organismos trabalhando independentemente: "O que confere unidade à universalidade dos conhecimentos humanos é o objetivo final perseguido por todos que é a promoção do bem estar físico, espiritual e social do homem comum. Não acredito e não aceito a arte pela arte, a ciência pela ciência. Ciência, Artes, Filosofia, não contêm em si mesmas um objetivo alto, nobre e digno, quando não exercidas visando o bem estar do homem"[3].

Para isto, o *lay-out* da Unicamp foi feito de forma a permitir um entrosamento efetivo e fácil entre todos os Institutos e Faculdades, com vistas a possibilitar a comunicação de alunos e professores, visando o estabelecimento de programas e pesquisas interdiciplinares: "A disposição do 'campus' com uma praça imensa ao centro, de onde saem as ruas com os diversos Institutos pretendia externar o conceito da 'unidade'. A praça central seria o lugar onde os estudantes dos variados cursos se encontrariam numa troca de conhecimentos, idéias e anseios, nas palavras de Zeferino aprendendo a respeitarem-se mutuamente e perdendo o falso preconceito de superioridade de certas profissões sobre outras"(Lima, 1989: p 145)

A partir deste histórico da Unicamp, podemos perceber que esta universidade já nasceu com "ares" de melhor e portanto somente as melhores cabeças é que poderiam integrar seus quadros discentes e docentes.

---

[3] *Jornal Última Hora*, 03/08/ 1971.

Com isto criou-se uma certa mística de "elite" em torno do nome desta Universidade. É sobre a elite universitária que compõe a Unicamp que falaremos.

O novo vestibular da Unicamp[4]

No contexto do movimento pela abertura política no país, a Unicamp caminhou rápido para a construção de sua autonomia. Assim é que, depois de um período conturbado, a universidade iniciou o processo de sua institucionalização na gestão do Prof. José Aristodemo Pinotti e o concluiu na gestão do Prof. Paulo Renato Costa Souza, quando se implantou a maioria das congregações de unidades, descentralizou-se a estrutura de poder através da criação das Pró-Reitorias e instalou-se o Conselho Universitário que substituiu o antigo Conselho Diretor.

Neste clima vivido pela Unicamp, solidificou-se a idéia de realização de um concurso vestibular próprio. Foi assim que atendendo, aos anseios da comunidade universitária, a Unicamp desvinculou-se da Fuvest no início de 1986.

Empossado o Reitor em abril, iniciaram-se os estudos que levariam à implantação do vestibular desejado pela Universidade. As consultas realizadas nas Unidades de Ensino permitiram levantar o perfil do aluno pretendido pela Unicamp:

-capaz de exprimir-se com clareza,
-capaz de organizar idéias,
-capaz de estabelecer relações,
-capaz de interpretar dados e fatos,
-capaz de elaborar hipóteses e que demonstrasse domínio dos conteúdos das disciplinas do núcleo comum do 2º Grau.

Estabeleceu-se que caberia ao vestibular influir no redirecionamento dos ensinos de 1º e 2º Graus. Considerou-se que uma universidade que pretendia formar pessoal qualificado para participar eficazmente no processo de desenvolvimento científico e tecnológico nacional deveria selecionar o candidato mais adequado às suas propostas de trabalho e mais qualificado para alcançar os objetivos traçados.

Para garantir a execução e a normatização das decisões tomadas e a continuidade do processo iniciado, criou-se, então, a Comissão Permanente para os Vestibulares, hoje constituída por dois órgãos: a Coordenação Executiva e a Câmara Deliberativa, composta esta por representantes das Unidades de Ensino e por representantes da Reitoria, do Sindicato dos Professores de Campinas, da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo e da Associação de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

[4] Os dados contidos neste capítulo foram gentilmente fornecidos pelo COMVEST.

Para atender a todos os seus objetivos, a Unicamp estabeleceu, já para o primeiro vestibular isolado em 1987:

a) provas totalmente discursivas, em contraposição às provas em forma de testes de múltipla-escolha;

b) Primeira fase constituída de uma redação valendo 50 pontos (em 80) e de 12 questões gerais (Física, Química, Matemática, Biologia, História e Geografia);

c)nota mínima 5,0 como parâmetro para o candidato passar da 1ª para a 2ª fase, diferente do que acontecia quando o vestibular era feito pela Fuvest que classificava para a 2ª fase em função do número de vagas de cada curso (três vezes o número de vagas);

d)Segunda fase, também, totalmente discursiva, com 16 questões de cada uma das matérias do núcleo comum do 2º Grau (História, Geografia, Matemática, Física, Química e Biologia);

e) a nota da primeira fase entraria no cômputo do resultado final, com peso 2.

Com o novo modelo adotado procurava-se cumprir os objetivos propostos, valorizando, tanto na 1ª como na 2ª fase, além do conhecimento adquirido ao longo dos 1º e 2º graus, a capacidade de ler, de escrever, interpretar, de se exprimir com clareza, de organizar idéias, de estabelecer relações, de interpretar dados e fatos e de elaborar hipóteses.

Para dar respaldo às propostas aprovadas era necessário garantir que as provas fossem elaboradas e corrigidas sob critérios compatíveis com a filosofia que as presidia. Criou-se para tanto o corpo permanente de presidentes de banca, composto de nove docentes da Universidade. A eles coube a tarefa de selecionar, contratar, treinar e dirigir o grupo de elaboradores e corretores que trabalharam nesse primeiro vestibular independentemente.

Criou-se também a coordenação de Logística encarregada de garantir toda a infraestrutura necessária, por entenderem que a credibilidade do processo de transformação do vestibular dependia da perfeita organização, não só do trabalho acadêmico como também das etapas de inscrição e aplicação das provas.

Após o Vestibular de 1987, a Unicamp percebeu que este passou quase desapercebido nos órgãos de divulgação (rádio, jornais, etc). Mesmo nos colégios e cursinhos a divulgação foi pequena. Contribuíram para isso a realização do vestibular no mesmo dia e horário da Fuvest, os prazos restritos para divulgação e a falta de uma estrutura adequada para esse trabalho.

Para o vestibular de 1988, com o objetivo de estabelecer um calendário mais racional e compatível com o tempo necessário à correção das provas, à divulgação das listas de

aprovados e aos prazos de matrículas e com o intuito de criar um leque maior de opções para os candidatos, a Unicamp passou a realizar provas em datas diferentes da Fuvest.

De outro lado, uma análise do mapa de demanda dos candidatos da Unicamp levou à ampliação do número de cidades no Estado de São Paulo onde são realizadas as inscrições e as provas, com o acréscimo de Limeira, Santos e Santo André.

A idéia do Vestibular Nacional surgiu diante da constatação de que quase 50% dos pós-graduandos provinham de outros Estados, o que sugeria o interesse nacional pela Universidade. Moveu-a, também, a busca pelos melhores alunos. Por isso instalaram-se postos de inscrição em Porto-Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Recife.

Com base nos mapas de origem dos candidatos, a Universidade decidiu ampliar o caráter nacional do seu Vestibular aumentando o número de postos de inscrição fora do Estado. Para o vestibular de 1989, os candidatos da Unicamp passaram a contar também com postos de inscrição em Campo Grande, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberlândia e Londrina. Com a medida, pretendia-se criar maiores facilidades para os candidatos oriundos dessas cidades e verificar o grau efetivo de interesse pela Unicamp em determinadas regiões do país.

Com efeito, acreditava-se então na existência nessas cidades de um contingente significativo de jovens interessados em estudar nesta Universidade. A comprovação dessa hipótese só seria possível se a Unicamp oferecesse maiores facilidades de participação em seu concurso vestibular.

Claro que a possibilidade de inscrição já existia na medida em que, desde o Vestibular de 88, mantinham-se postos de inscrição espalhados pelo país. Restava, contudo, a dificuldade dos candidatos se locomoverem até Campinas para a realização das provas, agravada pela coincidência de datas com concursos de outros estados, como o do Cesgranrio no Rio de Janeiro. A Unicamp propôs a transformação do vestibular em um concurso nacional, não só mantendo postos de inscrição mas, principalmente, realizando as provas em várias capitais de estado.

Assim, nesse mesmo ano, dando nova dimensão ao caráter nacional do seu vestibular, a Unicamp passou a realizar exames também no Rio de Janeiro, Brasília e Curitiba, cidades escolhidas por se situarem nas regiões do Brasil, fora do Estado de São Paulo, que maior número de candidatos enviavam à Universidade.

No Vestibular de 1989, em que a maioria das instituições de ensino superior tiveram diminuído seu número de candidatos ao vestibular, a Unicamp acusou um aumento de 3% no número de inscritos.

Dando seqüência à política de maior aproveitamento possível da sua capacidade instalada, a Universidade aumentou o número de vagas disponíveis com acréscimo de 20 vagas no curso de Engenharia Agrícola e mais 20 vagas decorrentes da criação do curso de Música Popular.

Ainda com a preocupação de aproveitamento máximo das vagas oferecidas e com o intuito de reduzir ao mínimo o número de vagas ociosas, modificou-se o critério de preenchimento das vagas que passou a ser efetuado dentro de cada curso, de acordo com a classificação final. A primeira opção do candidato passou a ser prioritária e somente depois de chamados todos os candidatos inscritos em primeira opção de cada curso é que foram atendidas as segundas opções.

A medida objetivava, também, diminuir os elevados índices de evasão, durante o curso, entre os candidatos oriundos de 3a., 4a. e 5a. opções, selecionados com base no critério anterior.

Por outro lado, também as notas de corte, que estabelecem os classificados de 1ª para a 2ª fase, passaram a ser determinadas em função de cada curso e não da carreira, como anteriormente.

Uma das metas da Coordenação Executiva dos vestibulares tem sido o de manter o vestibular da Unicamp auto-suficiente, não onerando a Universidade, mas garantindo uma remuneração adequada aos professores e aos funcionários envolvidos nos trabalhos do vestibular. Com base nos mapas de inscritos resultantes das ampliações de postos de inscrição realizadas nos anos anteriores, a Coordenação Executiva dos Vestibulares conviu que chegara o momento de racionalizar os custos, já que praticamente o mesmo público poderia ser atendido e concentrado em um número menor de regiões. Uma análise de custo-benefício levou à eliminação das inscrições em uma série de cidades.

Foi o que ocorreu com Araçatuba, no Estado de São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Uberlândia, em Minas Gerais; Campo Grande, no Mato Grosso do Sul; Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; Londrina, no Paraná e Recife, em Pernambuco. Fora do Estado de São Paulo foram mantidas as inscrições e os exames apenas no Rio de Janeiro, em Brasília e Curitiba; em Salvador apenas as inscrições. Os candidatos inscritos em Salvador passaram a prestar exames no Rio de Janeiro e não mais em Campinas como anteriormente.

Na tomada destas decisões levou-se em conta, naturalmente, os resultados obtidos pelos candidatos provenientes de outros Estados e o número de candidatos atendidos.

Os dados referentes ao Vestibular de 1990 indicam que o interesse dos candidatos provenientes de outros Estados concentrava-se nos cursos de maior concorrência, como Medicina, Ciências da Computação, entre outros. Os números relativos ao Rio de Janeiro podem ser considerados como um exemplo do comportamento desses candidatos. Assim é que dos 1.526 candidatos que prestaram provas no Rio de Janeiro (incluídos os inscritos em Juiz de Fora e Belo Horizonte), 21,4% fizeram inscrição no curso de Medicina; 56,7% inscreveram-se nos cursos da área de Exatas e Tecnológicas e 16,4% em Engenharia Elétrica. Como o comportamento dos candidatos que se inscreveram em outros Estados foi semelhante, os dados parecem fornecer indícios de que a intenção desse público era realmente estudar na Unicamp, porque se o interesse fosse o de participar do vestibular apenas como experiência,

provavelmente as inscrições estariam concentradas em cursos de menor concorrência, o que lhes possibilitaria chegar mais facilmente à segunda etapa e, dessa forma, obter uma visão de conjunto da prova. A escolha evidenciada pelos dados, no entanto, demonstra clareza na opção feita. A confirmação dessa hipótese pode ser obtida a partir da verificação do número de candidatos que, aprovados, matricularam-se na Unicamp.

Em algumas capitais o índice de matriculados superou 90%, como são os casos de Salvador, Campo Grande e Recife. De todos os Estados (à exceção de São Paulo) a maior participação no vestibular de 1990 ocorreu no Rio de Janeiro, com 1.399 candidatos inscritos só na capital. Houve um alto índice de inscrições também em Brasília (647 incritos) e Curitiba (499 incritos).

Os altos índices de matrículas apresentados pelos candidatos de outros Estados afirmam o sucesso da mudança do vestibular da Unicamp ao passar de estadual para nacional em 1988. Esses índices parecem apontar, também, para uma outra conclusão bastante importante: em um momento em que a credibilidade das instituições acadêmicas têm sido duramente constestada, o interesse pela Unicamp, demonstrado pelos candidatos provenientes de vários Estados, comprova o alto prestígio acadêmico que os cursos e os docentes desta Universidade gozam em todo o país.

Número de vagas

Dando prosseguimento à política de aproveitamento máximo dos recursos disponíveis, a Universidade aumentou em 47% o número de ingressantes de 1987 a 1994.

Tabela 1 - Número de vagas oferecidas por ano pela Unicamp

Ano	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Vagas	1470	1575	1615	1635	1708	1968	1990	2029

Inscrições

O prestígio adquirido pela Universidade e pelo seu vestibular são atestados pelo índice de crescimento, de número de candidatos, acumulado ao longo dos oito anos (1987 a 1994) que foi de 232% que não encontra paralelo entre as universidades brasileiras.

Tabela 2 - Número de inscrições para o vestibular da Unicamp, por ano

Ano	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Inscrição	13.260	29.988	30.932	35.671	35.568	37.622	34.835	44.024

Realizações Paralelas

Em 1987, após a execução da primeira versão do seu novo vestibular, a Unicamp promoveu o "Primeiro Seminário sobre Vestibular e Ensino" que contou com a presença de cerca de 35 das mais importantes universidades brasileiras, interessadas em conhecer a nova proposta da Unicamp.

Pouco tempo depois, as propostas da Unicamp foram encampadas por várias instituições universitárias brasileiras de renome. Como conseqüência, nesses quatro anos, sucederam-se os convites recebidos pela Coordenação Executiva dos Vestibulares da Unicamp para proferir palestras ou participar de encontros, seminários ou simpósios relacionados com vestibular e ensino.

O Vestibular Unicamp

Sem dúvida nenhuma, o fato mais significativo ocorrido nestes oito anos é o de que o vestibular da Unicamp passou a ser assunto da Universidade que está envolvida nele, sofre suas conseqüências e pode lhe determinar as normas, bem diferente do que ocorria antes. É patente hoje o alto grau de respeitabilidade adquirido pelo vestibular da Unicamp na comunidade universitária, tanto interna como externamente. Externamente o vestibular da Unicamp já interferiu na escola secundária, nos livros didáticos e tem servido de modelo a uma série de outras instituições, ampliando com isso a influência sobre o segundo grau. Vencidos estes oito anos, constata-se que o vestibular da Unicamp consolidou-se e está dinâmica e firmemente orientado rumo aos objetivos que lhe foram traçados pela Universidade.

Metodologia

Objetivo

O objetivo deste trabalho foi identificar através do perfil sócio-econômico-cultural dos ingressantes na Unicamp, durante o período de 1987 a 1994, indicadores de um possível processo de elitização em determinados cursos oferecidos pela Universidade. Para tanto, procurou-se criar um índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp para os anos analisados. Finalmente, procuramos identificar a colocação de cada curso ao longo destes oito anos.

Perfil dos Estudantes

Os dados foram coletados do questionário respondido pelos candidatos do vestibular da Unicamp por ocasião da inscrição. Utilizamos para análise somente os dos candidatos aprovados e efetivamente matriculados na Unicamp durante os anos de 1987 a 1994.

Dos alunos ingressantes neste período (1987-1994), aproximadamente 70% têm entre 17 e 19 anos e os candidatos do sexo masculino são a maioria dos matriculados, aproximadamente 59%. Os ingressantes da Unicamp são de origem quase que exclusivamente urbana. Menos de 3% dos ingressantes são oriundos do meio rural.

Dentre os anos analisados, os dados mostram que a participação dos estudantes que não fizeram cursinho aproxima-se de 45%, enquanto que a participação dos que fizeram situa-se ligeiramente acima de 55%.

Perguntados sobre as atividades extra-classe de que mais participavam, chama atenção o fato de que apenas 2 a 3% dos matriculados tiveram militâncias político-partidárias e 5 a 6% dedicaram-se às "coisas da fé" (religião). A grande maioria opta por esportes, artes e cultura. Os "esportistas" constituem em torno de 35% dos matriculados e aqueles que optam por cultura e arte, em torno de 38% dos matriculados. Sobre a leitura de jornais 34% dos matriculados nestes oito anos afirmam fazê-lo diariamente, 45% afirmam fazê-lo ocasionalmente e 17% apenas aos domingos.

Dentre as línguas estrangeiras faladas em casa, exclusivamente ou além do português, o japonês e o inglês se destacam em relação às demais. A primeira delas é apontada por aproximadamente 10% dos vestibulandos e a segunda por aproximadamente 6%.

Cerca de 32% dos ingressantes tem microcomputador em casa. Destes, cerca de 29% não o utilizam.Entre os candidatos que utilizam o computador, 80% o fazem para jogos.

O número de ingressantes em cada ano na Unicamp pode variar um pouco, assim como o número de cursos oferecidos nestes oito anos sofreu algumas variações. Assim temos:

Tabela 3 - Número de cursos oferecidos e número de ingressantes por ano

Ano	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Número cursos	26	31	31	31	32	40	41	39
Número ingressantes	1267	1459	1394	1511	1575	1776	1890	1861

Junto com a ficha de inscrição, os candidatos recebem um questionário que contém 62 questões. Destas questões, foram utilizadas somente sete já mencionadas para a realização da pesquisa.

Ao receber todos estes dados, após o término da inscrição a cada ano, a Unicamp dá o tratamento adequado a eles. Geralmente algum nível de consolidação destes dados são divulgados para a imprensa durante a realização das provas e depois alguns informes sobre o perfil do candidato são publicados internamente todos os anos.

Estes dados nos foram fornecidos, já tabulados, em disquete, para iniciarmos o trabalho estatístico, no nível de agregação por curso.

Tratamento Estatístico

As variáveis observadas sobre os alunos ingressantes, ao longo do período estudado, são de natureza categórica, algumas ordinais propriamente ditas (renda, nível de instrução, ocupação do pai) e as demais apresentando uma "latência" ordinal dentro do fenômeno considerado. Pertencer a uma ou outra categoria reflete hipótese de elitização.

Dentro do objetivo de se construir um índice que reflita graus de elitização, o tratamento estatístico adequado passa pela construção do fator "elitização", que obviamente é um conceito que não é possível medir exatamente ou diretamente. A escolha recaiu sobre a técnica de Análise de Correspondência[1], aplicada a cada variável, levando em conta a natureza multivariada e categórica dos dados.

A variável latente, não observável, "elitização", é derivada por técnica estatística, na tentativa de explicar as inter-relações entre o conjunto das sete variáveis selecionadas.

[1] Técnicas usualmente aplicáveis à dados contínuos tem sido inadequadamente utilizadas pela atribuição de valores numéricos às categorias e uso de Análise Fatorial via Componentes Principais. Preliminarmente, estas técnicas foram utilizadas, com e sem ponderação, e os resultados se revelaram sensíveis à escolha de pesos e aos valores numéricos atribuídos às categorias. (Ver Greenacre, 1984; Benzécri, 1992).

Do ponto de vista do tratamento estatístico, o objeto de estudo para construção de um índice, que permitisse ordenação dos cursos para cada item focalizado, tomou a forma de uma tabela de dupla entrada, tendo nas linhas os cursos e nas colunas as categorias das variáveis estudadas.

Observando que os totais de linha (número de ingressantes por curso) são fixos, mas não iguais, porcentagens relativas aos totais de linha envolvem problemas de comparação entre linhas. Se as porcentagens forem tomadas relativamente aos totais de coluna, ou seja, a porcentagem de alunos de determinada categoria, que aparece em cada curso, as comparações são ainda mais complicadas, já que as marginais de coluna não são fixas, dependendo do perfil marginal dos ingressantes na variável estudada, além do que, para efeito comparativo dependem dos dois totais marginais de linha e de coluna. Neste contexto a técnica de Análise de Correspondência permite o tratamento da tabela levando em conta estes "desequilíbrios" marginais.

Para atender o objetivo do trabalho foi adotado o que é chamado de perfil coluna na Análise de Correspondência. Desta forma é obtida uma representação gráfica, onde é possível observar como os cursos contribuem para a localização neste "mapa" das categorias de cada variável. O eixo denominado DIM1, tem na coordenada de cada curso, o valor do índice de elitização correspondente à cada variável. Estes "scores" de cada curso na primeira dimensão fatorial da Análise de Correspondência, foram tratados como valores não diretamente observáveis do índice de elitização de cada ano. O motivo de manter a análise por ano, é que o comportamento de cada variável não é fixo ao longo dos diferentes anos.

Desta forma, o grau de elitização refletido no "score" fatorial depende da configuração dos ingressantes nos diferentes cursos dentro daquele ano.

Em uma segunda etapa foi feita a Análise Fatorial via Componentes Principais nas variáveis derivadas através da Análise de Correspondência. Desta forma, cada primeira dimensão da Análise de Correspondência, passou a figurar como uma variável "não observável" de natureza contínua e portanto adequada como insumo para a Análise Fatorial para dados contínuos. É importante frisar que as variáveis utilizadas tiveram seus *scores* ajustados para que de forma crescente os *scores* refletissem graus de elitização.

Resultados da Análise Fatorial

A análise fatorial feita para cada ano, revelou regularmente um primeiro fator como prioritário. Este fator é responsável pela explicação das interrelações entre os índices de elitização de cada variável estudada.

A proporção explicada pelo índice de elitização (primeiro fator) foi em geral superior a 80%, variando de 81% a 91% nos anos de 1988 a 1994, com exceção do ano de 1987.

Tabela 4.1 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,89
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,73
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,85
Nível de instrução da mãe	0,92
Nível de instrução do Pai	0,88
Atividade Remunerada	0,55
Renda Familiar	0,05

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1987
Proporção do Fator - 56,7%

Tabela 4.2 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,94
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,93
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,94
Nível de instrução da mãe	0,96
Nível de instrução do Pai	0,96
Atividade Remunerada	0,90
Renda Familiar	0,60

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1988
Proporção do Fator - 81%

Tabela 4.3 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,94
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,94
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,91
Nível de instrução da mãe	0,93
Nível de instrução do Pai	0,97
Atividade Remunerada	0,88
Renda Familiar	0,90

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1989
Proporção do Fator - 85%

Tabela 4.4 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,97
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,95
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,94
Nível de instrução da mãe	0,94
Nível de instrução do Pai	0,98
Atividade Remunerada	0,88
Renda Familiar	0,93

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1990
Proporção do Fator - 89%

Tabela 4.5 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,97
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,96
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,97
Nível de instrução da mãe	0,96
Nível de instrução do Pai	0,98
Atividade Remunerada	0,90
Renda Familiar	0,94

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1991
Proporção do Fator - 91%

Tabela 4.6 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,97
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,94
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,92
Nível de instrução da mãe	0,95
Nível de instrução do Pai	0,94
Atividade Remunerada	0,92
Renda Familiar	0,94

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1992
Proporção do Fator - 88%

Tabela 4.7 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,98
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,96
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,95
Nível de instrução da mãe	0,96
Nível de instrução do Pai	0,97
Atividade Remunerada	0,90
Renda Familiar	0,84

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1993
Proporção do Fator - 88%

Tabela 4.8 - Quantidade de carga no fator por variável

Item	Carga no fator
Categoria de Ocupação do pai	0,97
Tipo de Estabelecimento que cursou o 1º grau	0,96
Tipo de Estabelecimento que cursou o 2º grau	0,95
Nível de instrução da mãe	0,95
Nível de instrução do Pai	0,97
Atividade Remunerada	0,88
Renda Familiar	0,92

Fator 1 - Índice de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp em 1994
Proporção do Fator - 89%

A exceção aqui fica para o ano de 1987, que apesar de apresentar um fator do mesmo tipo, porém sem poder explicativo tão forte, não atinge os 80% como nos outros anos. Isto talvez tenha ocorrido por ter sido justamente 1987 o primeiro vestibular da Unicamp e realizado exatamente no dia do vestibular da Fuvest, tendo os candidatos que optar entre um ou outro vestibular. Isto pode ter causado a distorção que vemos neste ano ao confrontarmos 1987 com os demais anos.

Destes resultados depreende-se que todos os itens são igualmente importantes para explicar a elitização dos alunos ingressantes na Unicamp nos oito anos analisados.

Observando as Tabelas que se seguem, percebe-se claramente que a importância da variável Renda Familiar aumenta dos dois primeiros anos para os seguintes considerados: em 1987 comparece no 2º fator, e de 88 com carga 0,60 passa para valores maiores nos anos seguintes. Vale observar que as variáveis selecionadas, como era de se esperar, resultam em fatores (DIM I) positivamente correlacionados.

Levando em conta que os índices de elitização foram indiretamente derivados via Análise de Correspondência e para cada ano, e ainda que a Análise Fatorial foi feita nestes índices e por ano, é de se ressaltar a regularidade das cargas do primeiro fator. O fator derivado que revela a magnitude da elitização dos cursos se reproduz de maneira muito similar ao longo dos anos. No entanto o comportamento dos cursos ao longo dos fatores não foi tão regular.

Não é possível afirmar que ao longo destes oito anos existisse um aumento da elitização da Unicamp, já que como vimos o índice de elitização se mantém aproximadamente o mesmo de 88 a 94 e as cargas no fator variam muito pouco. Mas é possível afirmar que ocorre a elitização entre os cursos da Unicamp.

Apresentação dos resultados obtidos

Concluída a Análise Fatorial via Componentes Principais, devido a natureza multivariada dos dados, obtivemos a classificação de todos os cursos por ano, no que se refere ao grau de elitização. Lembramos novamente que as variáveis utilizadas tiveram seus *scores* ajustados para que de forma crescente os *scores* refletissem graus de elitização.

Computando os resultados por ano, chegamos as seguintes tabelas:

Tabela 5 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1987

1.	Eng. Elétrica
2.	Dança
3.	Matemática Aplicada
4.	Medicina e Economia
5.	Biologia
6.	Eng. Mecânica, Eng.Alimentos e Eng.Computação
7.	Ciências Sociais
8.	Eng. Química
9.	Eng. Civil
10.	Odontologia e Enfermagem
11.	Física, Ed. Física e Ed. Artística
12.	Eng. Agrícola
13.	Letras e Artes Cênicas
14.	Matemática e História
15.	Estatística
16.	Pedagogia e Música
17.	Química

Tabela 6 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1988

1.	Dança
2.	Biologia
3.	Eng. Mecânica e Eng. Elétrica
4.	Ciências Sociais
5.	Computação e Música
6.	Medicina e Economia
7.	Eng. Civil e Estatística
8.	Eng. Alimentos
9.	Ed. Física, Odontologia e Artes Cênicas
10.	Eng. Química
11.	Física
12.	Matemática Aplicada
13.	Letras e Enfermagem
14.	Ed. Artística
15.	Matemática e Pedagogia
16.	Química
17.	História
18.	Eng. Agrícola e Filosofia
19.	Tec. Obras
20.	Tec. Edifícios
21.	Matemática Noturno
22.	Tec. Sanitária

Tabela 7 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1989

1.	Eng. Alimentos e Medicina
2.	Biologia
3.	Eng. Mecânica e Eng. Química
4.	Eng. Civil e Eng. Elétrica
5.	Economia, Música, Eng. Computação e Matemática Aplicada
6.	Ed. Física
7.	Odontologia
8.	Artes Cênicas, Física, Dança, Ciências Sociais e Letras
9.	Filosofia
10.	Eng. Agrícola
11.	Matemática, Estatística e Pedagogia
12.	Química e Ed. Artística
13.	História
14.	Enfermagem
15.	Tec. Edifícios
16.	Tec. Obras
17.	Matemática Noturno
18.	Tec. Sanitária

Tabela 8 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1990

1.	Eng. Elétrica
2.	Economia
3.	Eng. Mecânica e Medicina
4.	Ed. Física
5.	Eng. Computação, Biologia e Eng. Alimentos
6.	Eng. Química
7.	Eng. Civil e Ciências Sociais
8.	Física e Ed. Artística
9.	Dança e Eng. Agrícola
10.	Odontologia
11.	Música e História
12.	Pedagogia
13.	Matemática, Estatística e Letras
14.	Filosofia, Artes Cênicas e Matemática Aplicada
15.	Química
16.	Enfermagem
17.	Tec. Edifícios
18.	Matemática Noturno e Tec. Obras
19.	Tec. Sanitária

Tabela 9 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1991

1.	Eng. Mecânica
2.	Eng. Elétrica e Eng. Civil
3.	Economia e Eng. Alimentos
4.	Biologia
5.	Ed. Artística e Medicina
6.	Eng. Computação
7.	Eng. Química
8.	Ciências Sociais
9.	Física
10.	Dança, Matemática Aplicada e Odontologia
11.	Letras e História
12.	Música, Ed. Física e Eng. Agrícola
13.	Filosofia
14.	Artes Cênicas e Estatística
15.	Química e Pedagogia
16.	Pedagogia Noturno
17.	Enfermagem
18.	Matemática
19.	Tec. Edifícios
20.	Tec. Obras
21.	Tec. Sanitária
22.	Matemática Noturno

Tabela 10 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1992

1.	Economia
2.	Medicina e Eng. Alimentos
3.	Eng. Elétrica
4.	Eng. Civil, Biologia e Eng. Mecânica
5.	Letras e Eng. Química
6.	Eng. Computação
7.	Ciências Sociais e Eng. Agrícola
8.	Matemática Aplicada
9.	Eng. Elétrica Noturno, Ed. Física e Dança
10.	Odontologia
11.	Estatística e Matemática
12.	Física e História
13.	Música
14.	Artes Cênicas
15.	Química
16.	Ed. Artística
17.	Pedagogia e Eng. Química Noturno
18.	Computação Noturno e Filosofia
19.	Ed. Física Notuno
20.	Enfermagem
21.	Eng. Alimentos Noturno e Ciências Sociais Noturno
22.	Física Noturno
23.	Tec. Proc. Dados
24.	Pedagogia Noturno
25.	Matemática Noturno e Tec. Obras
26.	Tec. Edifícios
27.	Tec. Sanitária

Tabela 11 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1993

1.	Medicina
2.	Eng. Alimentos e Eng. Civil
3.	Biologia
4.	Economia
5.	Eng. Mecânica e Eng. Elétrica
6.	Eng. Computação, Eng. Química e Matemática Aplicada
7.	Odontologia
8.	Ciências Sociais
9.	Ed. Física
10.	Ed. Artística
11.	Música
12.	Artes Cênicas, Física, Eng. Agrícola e Eng. Elétrica Noturno
13.	Filosofia
14.	Letras
15.	História e Computação Noturno
16.	Dança
17.	Ciências Sociais Noturno
18.	Enfermagem
19.	Eng. Alimentos Noturno
20.	Estatística, Pedagogia e Eng. Química Noturno
21.	Química
22.	Tec. Proc. Dados
23.	Ed. Física Noturno
24.	Biologia Noturno
25.	Matemática
26.	Física Noturno
27.	Pedagogia Noturno e Matemática Noturno
28.	Tec. Edifícios
29.	Tec. Obras e Tec. Sanitária

Tabela 12 - Graus de elitização dos cursos da Unicamp em 1994

1.	Eng. Alimentos
2.	Eng. Civil e Medicina
3.	Eng. Mecânica
4.	Economia
5.	Ed. Física e Eng. Computação
6.	Odontologia e Biologia
7.	Eng. Química e Ciências Sociais
8.	Eng. Elétrica
9.	Letras, Ed Artística e Eng. Agrícola
10	Artes Cênicas
11.	Eng. Química Noturno
12.	Computação Noturno e Dança
13.	Eng. Elétrica Noturno e Música
14.	Estatística
15.	Eng. Alimentos Noturno e História
16.	Ciências Sociais Noturno e Cursão
17.	Filosofia
18.	Química
19.	Pedagogia
20.	Ed. Física Noturno
21.	Física Noturno, Enfermagem e Tec. Proc. Dados
22.	Biologia Noturno
23.	Matemática Noturno
24.	Pedagogia Noturno
25.	Tec. Sanitária
26.	Tec. Edifícios
27.	Tec. Obras

Note-se que a primeira colocação em cada ano reflete o curso mais elitizado daquele ano e assim, de forma decrescente, temos o curso menos elitizado de cada ano ocupando as últimas posições das tabelas.

Para facilitar ainda mais a observação dirigida aos cursos, a tabela seguinte nos dará uma visão geral de como cada curso está colocado em cada ano e com base nesta tabela serem elaborados os gráficos que constam do capítulo seguinte.

Tabela 13 - Classificação dos cursos diurnos por ano[2]

Curso	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Medicina	4o.	6o.	1º	3o.	5o.	2º	1º	2º
Eng. Civil	9o.	7º	4o.	7º	2º	4o.	2º	2º
Eng. Alimentos	6o.	8º	1º	5o.	3o.	2º	2º	1º
Eng. Mecânica	6o.	3o.	5o.	3o.	1º	4o.	5o.	3o.
Eng. Computação	6o.	5o.	5o.	5o.	6o.	6o.	6o.	5o.
Eng. Química	8º	10o.	3o.	6o.	7º	5o.	6o.	7º
Eng. Elétrica	1º	3o.	4o.	1º	2º	3o.	5o.	8º
Eng. Agrícola	12º	18º	10o.	9o.	12º	7º	12º	9o.
Biologia	5o.	2º	2º	5o.	4o.	4o.	3o.	6o.
Odontologia	10o.	9o.	7º	10o.	10o.	10o.	7º	6o.
Economia	4o.	6o.	5o.	2º	3o.	1º	4o.	4o.
Ciências Sociais	7º	4o.	8º	7º	8º	7º	8º	7º
Letras	13o.	13o.	8º	13o.	11º	5o.	14o.	9o.
Ed. Artística	11º	14o.	12º	8º	5o.	16o.	10o.	9o.
Artes Cênicas	13o.	9o.	8º	14o.	14o.	14o.	12º	10o.
Dança	2º	1º	8º	9o.	10o.	9o.	16o.	12º
Música	16o.	5o.	5o.	11º	12º	13o.	11º	13o.
Física	11º	11º	8º	8º	9o.	12º	12º	x
Química	17º	16o.	12º	15o.	15o.	15o.	21º	18º
Ed. Física	11º	9o.	6o.	4o.	12º	9o.	9o.	5o.
Estatística	15o.	7º	11º	13o.	14o.	11º	20o.	14o.
História	14o.	17º	13o.	11º	11º	12º	15o.	15o.
Cursão*	x	x	x	x	x	x	x	16o.
Filosofia	x	18º	9o.	14o.	13o.	18º	13o.	17º
Matemática Aplicada	3o.	12º	5o.	14o.	10o.	8º	6o.	x
Matemática	14o.	15o.	11º	13o.	18º	11º	25o.	x
Pedagogia	16o.	15o.	11º	12º	16o.	17º	20o.	19o.
Enfermagem	10o.	13o.	14o.	16o.	17º	20o.	18º	21º

*Os cursos: Física, Matemática e Matemática Aplicada a partir de 1994, passam a ter um núcleo comum nos três primeiros semestres, constituíndo, portanto, opção conjunta para o ingresso

[2] Essa classificação é apenas no sentido "linha", não obedecendo nenhum critério de classificação no sentido "coluna".

Tabela 14 -Classificação dos Cursos Noturnos por ano[3]

Curso	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Eng. Química Noturno	x	x	x	x	x	17º	20o.	11º
Computação Noturno	x	x	x	x	x	18º	15o.	12º
Eng. Elétrica Noturno	x	x	x	x	x	9o.	12º	13o.
Eng. Alimentos Noturno	x	x	x	x	x	21º	19o.	15o.
Ciências Sociais Noturno	x	x	x	x	x	21º	17º	16o.
Biologia Noturno	x	x	x	x	x	4o.	24o.	22º
Matemática Noturno	x	21º	17o,	18º	22º	25o.	27º	23o.
Ed. Física Noturno	x	x	x	x	x	19o.	23o.	20o.
Física Noturno	x	x	x	x	x	22º	26o.	21º
Pedagogia Noturno	x	x	x	x	16o.	24o.	27º	24o.
Tec. Proc. Dados	x	x	x	x	x	23o.	22º	21º
Tec. Sanitária	x	22º	18º	19o.	21º	27º	29o.	25o.
Tec. Edifícios	x	20o.	15o.	17º	19o.	26o.	28º	26o.
Tec. Obras	x	19o.	16o.	18º	20o.	25o.	29o.	27º

Os cursos noturnos começaram a funcionar em anos diferentes, a maioria deles a partir de 1992, portanto nossas análises se restringirão aos cursos diurnos. Mesmo assim, os gráficos referentes aos cursos noturnos serão apresentados para efeito de observação de possíveis tendências.

Antes de iniciarmos a análise proposta, chamamos a atenção para o fato de o modelo utilizado ser de natureza abstrata por definição. Lembramos que não estamos lidando com sujeitos individualmente mas com sujeitos agrupados enquanto entidades estatísticas. Portanto, tudo o que se afirmar neste trabalho são "inferências" retiradas das relações dos dados.

Análise dos resultados

Para efeito de organização, dividimos os cursos analisados em blocos para facilitar a análise. O primeiro bloco será o da área de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde, em seguida Engenharias e por fim Ciências Humanas. As figuras apresentadas no Anexo I, dizem respeito aos demais cursos oferecidos pela Unicamp. Visto que novas análises poderão ser feitas a partir deste trabalho, decidimos apresentar todas as figuras resultantes da análise estatística realizada.

Ciências Biológicas e Profissões da Saúde

[3] Essa classificação é apenas no sentido "linha", não obedecendo nenhum critério de classificação no sentido "coluna".

Medicina

O curso de Medicina oferecido pela Unicamp oscila entre os primeiros colocados em todos os anos analisados. Podemos dizer então, que o grau de elitização dos alunos ingressantes na Unicamp no curso de Medicina é bastante alto. Comparado aos outros cursos é o mais elitizado da Unicamp. Chega a ser o primeiro colocado em 1989 e 1993, e seu *score* mais baixo se encontra em 1988, quando atinge o 6o. lugar.
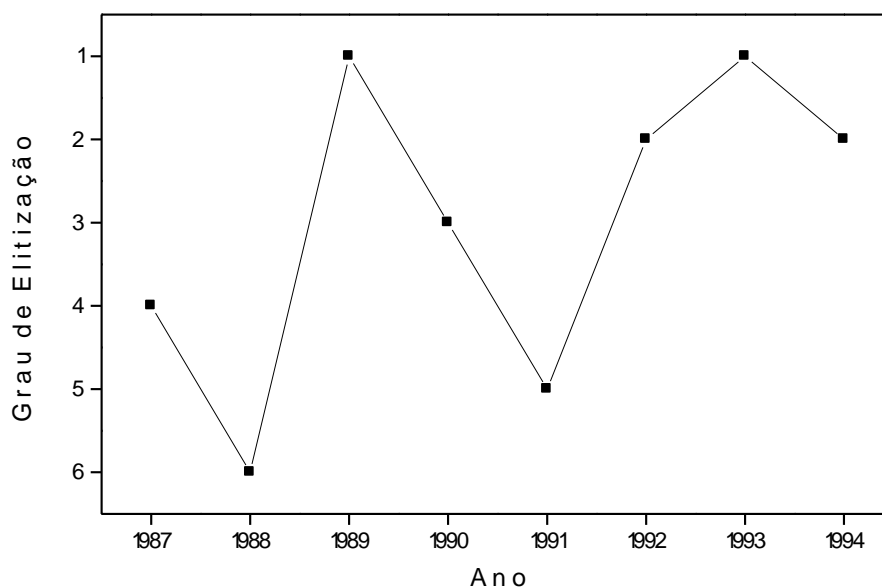
Figura 1 - Classificação do curso de Medicina em cada ano

O médico, no exercício autônomo da profissão, representou durante muito tempo a carreira profissional a ocupar os mais altos níveis de prestígio social.

Porém, como escreve Prandi, "não somente este tipo de médico pequeno burguês como também a constituição interna dessa pequena burguesia e suas relações com as classes dominantes vão desaparecendo, especialmente a partir do momento em que o proletariado urbano, em rápido crescimento, faz chegar às portas do Estado as pressões por uma nova ordem, em que a Medicina como elemento constitutivo dos padrões de sobrevivência, está incluída. A reação do Estado, atuando inicialmente no sentido de garantir certas reivindicações das classes trabalhadoras e minimizar o espectro do conflito trabalho/capital assegura as bases iniciais da extensão dos serviços médicos, para num segundo momento, já em meados dos anos 60, entregá-los aos setores capitalistas da Medicina, colocando nas mãos do próprio capital instalado neste setor a propriedade de controlar os níveis de qualidade da população" (Prandi,1982:p65).

Assim, a rede hospitalar passa a operar como empresa capitalista, assalariando o profissional da medicina, e a produtividade passa a ser medida não em termos de qualidade dos serviços oferecidos, mas pela relação número de atendimentos por médico. O médico

vende não o seu trabalho mas a sua força de trabalho, não lhe cabendo mais as decisões sobre como usá-la.

Daí, os baixos salários dos médicos passam a ser condição garantida pela formação de um exército de reserva que surgiu após a expansão do ensino superior na década de 70. Sob esta condição, o próprio médico fica praticamente impedido de trabalhar por conta própria, uma vez que a forte concorrência que entre eles se estabeleceu é acirrada ainda mais pela impossibilidade de acesso da esmagadora maioria da população aos consultórios particulares não conveniados.

Mesmo assim, em uma pesquisa feita com formandos do curso de Medicina, Prandi concluiu que se a ladainha da saturação do mercado e dos baixos salários se repete a cada depoimento que os alunos lhe concederam, a profissão médica ainda era vista[4] como aquela que permitiria auferir melhores rendimentos (Prandi,1982: p 65).

Analisando o gráfico, podemos chegar a mesma conclusão uma década depois. Apesar das crises financeiras que o setor da saúde vem enfrentando no Brasil, apesar dos médicos passarem a ser profissionais assalariados etc, ainda assim é sinal de prestígio social ser médico. Indivíduos com pais com graus de instrução elevados e que ocupam cargos mais elevados, com renda familiar alta, preferem ainda optar pela carreira médica por esta significar uma profissão tradicional de prestígio social.

Como profissão liberal, a Medicina representou e continua representando a ocupação mais desejada pelos estudantes. Como prova disso temos que Medicina é um dos cursos de maior demanda da Unicamp, sendo um dos cursos mais difíceis de se ingressar devido a concorrência[5]. Por esse motivo podemos dizer que é um curso que exige um alto nível de capital cultural dos ingressantes.

Porém, como escreve Prandi, "não somente este tipo de médico pequeno burguês como também a constituição interna dessa pequena burguesia e suas relações com as classes dominantes vão desaparecendo, especialmente a partir do momento em que o proletariado urbano, em rápido crescimento, faz chegar às portas do Estado as pressões por uma nova ordem, em que a Medicina como elemento constitutivo dos padrões de sobrevivência, está incluída. A reação do Estado, atuando inicialmente no sentido de garantir certas reivindicações das classes trabalhadoras e minimizar o espectro do conflito trabalho/capital assegura as bases iniciais da extensão dos serviços médicos, para num segundo momento, já em meados dos anos 60, entregá-los aos setores capitalistas da Medicina, colocando nas mãos do próprio capital instalado neste setor a propriedade de controlar os níveis de qualidade da população" (Prandi,1982:p65).

Assim, a rede hospitalar passa a operar como empresa capitalista, assalariando o profissional da medicina, e a produtividade passa a ser medida não em termos de qualidade dos serviços oferecidos, mas pela relação número de atendimentos por médico. O médico vende não o seu trabalho mas a sua força de trabalho, não lhe cabendo mais as decisões sobre como usá-la.

[4] No início da década de 80.

[5] Em 1994, foram 118 candidatos candidatos por vaga na 1º fase e 60 candidatos por vaga na 2º fase. (Dados do *Manual do Candidato do Vestibular de 1995*).

Daí, os baixos salários dos médicos passam a ser condição garantida pela formação de um exército de reserva que surgiu após a expansão do ensino superior na década de 70. Sob esta condição, o próprio médico fica praticamente impedido de trabalhar por conta própria, uma vez que a forte concorrência que entre eles se estabeleceu é acirrada ainda mais pela impossibilidade de acesso da esmagadora maioria da população aos consultórios particulares não conveniados.

Mesmo assim, em uma pesquisa feita com formandos do curso de Medicina, Prandi concluiu que se a ladainha da saturação do mercado e dos baixos salários se repete a cada depoimento que os alunos lhe concederam, a profissão médica ainda era vista[6] como aquela que permitiria auferir melhores rendimentos (Prandi,1982: p 65).

Analisando o gráfico, podemos chegar a mesma conclusão uma década depois. Apesar das crises financeiras que o setor da saúde vem enfrentando no Brasil, apesar dos médicos passarem a ser profissionais assalariados etc, ainda assim é sinal de prestígio social ser médico. Indivíduos com pais com graus de instrução elevados e que ocupam cargos mais elevados, com renda familiar alta, preferem ainda optar pela carreira médica por esta significar uma profissão tradicional de prestígio social.

Como profissão liberal, a Medicina representou e continua representando a ocupação mais desejada pelos estudantes. Como prova disso temos que Medicina é um dos cursos de maior demanda da Unicamp, sendo um dos cursos mais difíceis de se ingressar devido a concorrência[7]. Por esse motivo podemos dizer que é um curso que exige um alto nível de capital cultural dos ingressantes.

Essa afirmação torna-se ainda mais legítima se observarmos que a Unicamp tem provas 100% dissertativa[8] e o maior peso é da redação. Porém mesmo sendo Medicina o curso mais elitizado e o curso que geralmente ocupa as primeiras posições em notas do vestibular, somente em 1992, o aluno classificado como primeiro colocado em notas do vestibular da Unicamp, era do curso de Medicina. Mas este não é um movimento mecânico e portanto não significa muito quando se analisa elitização.

Odontologia

O curso de Odontologia consegue sua melhor posição em 1994, quando ocupa o 6o. lugar. Em 1989 e 1993 fica em 7º lugar e 1988 em 9o. lugar, nos demais anos ocupa o 10o. lugar (1987, 1990 e 1992).

---

[6] No início da década de 80.

[7] Em 1994, foram 118 candidatos candidatos por vaga na 1º fase e 60 candidatos por vaga na 2º fase. (Dados do *Manual do Candidato do Vestibular de 1995*).

[8] Passar no vestibular não é questão de treino, como nas provas de múltipla escolha.
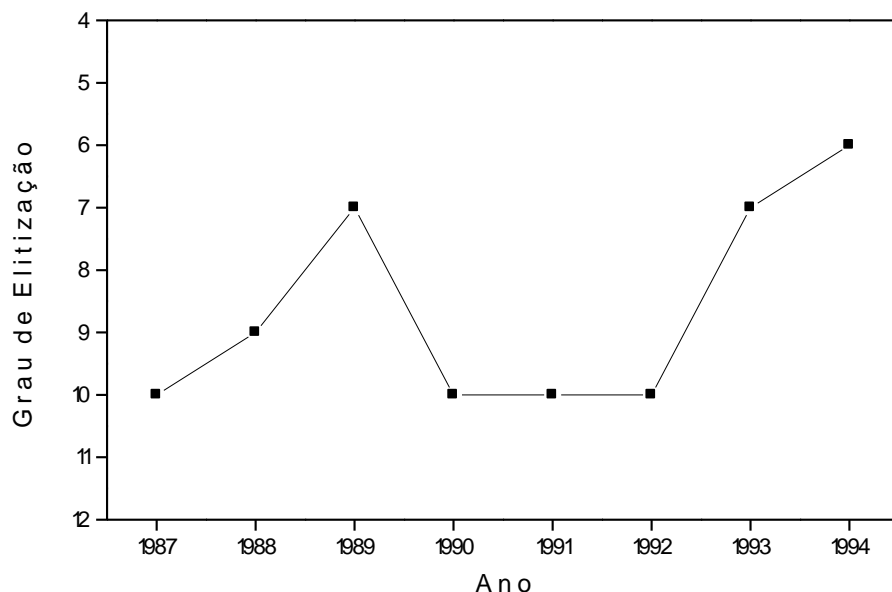
Figura 2 - Classificação do curso de Odontologia em cada ano

Como na Medicina, "o aviltamento profissional do dentista em regime de venda de sua força de trabalho pode ser concretamente identificado através do abismo que separa o ensino universitário da prática cotidiana" (Prandi,1982: p 70).

Porém, na Unicamp, quando se fala em elitização dos alunos que compõem os cursos, não podemos dizer que Medicina e Odontologia, possam ser analisados da mesma forma.

O prestígio do curso de Odontologia parece não ter muito peso na escolha de alunos com grau de elitização mais elevado.

É um curso com grau de elitização baixo, comparado a Medicina, mas que desde 1991 vem ocupando o 2º lugar do vestibular da Unicamp em relação candidato/vaga[9], só perdendo para Medicina.

Queremos chamar a atenção aqui, para o fato de que apesar de Odontologia ser um curso bem concorrido, as médias de todas as provas dos candidatos matriculados por curso apresentam Odontologia em 14o. lugar no vestibular de 1993 e 12º lugar no vestibular de 1994.

Não temos uma hipótese muito segura sobre o porquê dos dados referentes a Odontologia se comportarem desta maneira; nossa única hipótese é devido ao curso ser instalado isoladamente do *campus*, no interior, na cidade de Piracicaba. Esse fato pode ser responsável pelo baixo nível de elitização do curso de Odontologia, comparado a Medicina e a outros cursos da Unicamp.

[9] Em 1994 foram 52 candidatos para cada vaga na 1º fase e 16 candidatos para cada vaga na 2º fase.

Nossa hipótese se reforça ainda mais quando observamos um trabalho de Whitaker sobre os alunos da Unesp. Mesmo o curso de Medicina que é o mais concorrido devido a Unesp ser instalada em diversas cidades do interior de São Paulo (Medicina - Botucatu), tem aspectos de elitização ainda menores que odontologia da Unicamp (Whitaker 1989: p32).

Este fato vem confirmar que este não é um movimento mecânico e que o aspecto "notas" ou "concorrência no vestibular" (relação candidato/vaga) não é significativo para analisar elitização.

Enfermagem

Analisando o gráfico, Enfermagem é um curso que vem diminuindo seu grau de elitização progressivamente todos os anos.
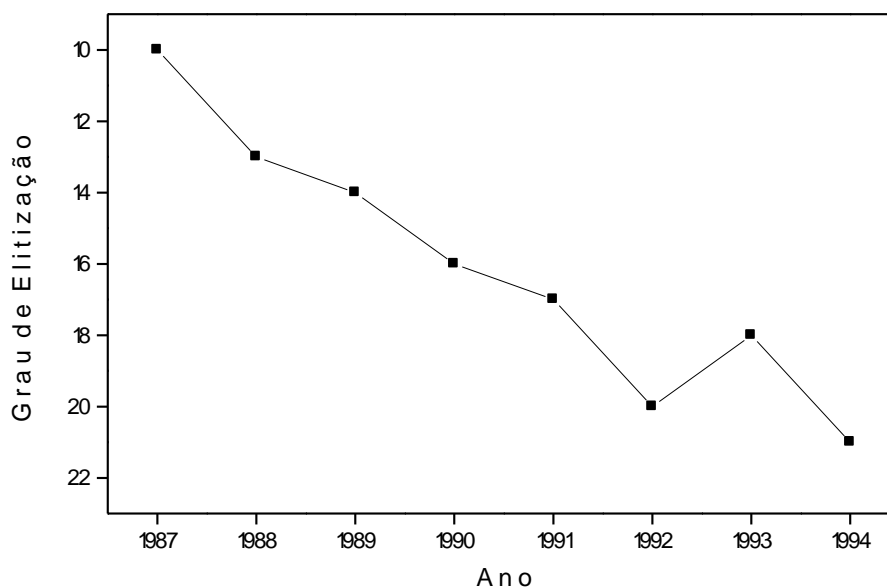
Figura 3 - Classificação do curso de Enfermagem em cada ano

Do 10o. lugar que ocupava em 1987, vai para 13o. lugar em 1988, 14o. lugar em 1989, 16o. lugar em 1990, 17º lugar em 1991, 20o. em 1992; Volta para 18º lugar em 1993 e finalmente cai para 21º lugar em 1994.

Comparando com os dados de Medicina e até com Odontologia, este curso está muito distante da realidade observada na área de Ciências Biológicas.

Os dados sugerem serem estes sinais claros de que a carreira do profissional com curso superior em Enfermagem não está com prestígio. Na Unicamp, é um curso

predominantemente feminino (96,7%)[10] e é um dos cursos que tem baixa relação candidato/vaga. Talvez o técnico com segundo grau em Enfermagem, hoje, não tenha um salário muito diferente do enfermeiro com curso superior e portanto não se torna atrativo "perder alguns anos de vida" freqüêntando uma faculdade de Enfermagem. Consideramos que salário seja o fator principal para explicar a baixa elitização do curso de Enfermagem.

Biologia

Este é um curso com características muito particulares da Unicamp. Um curso com grau de elitização bastante elevado, ocupando o 6o. lugar em 1994, 5o. lugar em 1987 e 1990, 4o. lugar em 1991 e 1992, 3o. lugar em 1993 e 2º lugar em 1988 e 1989.
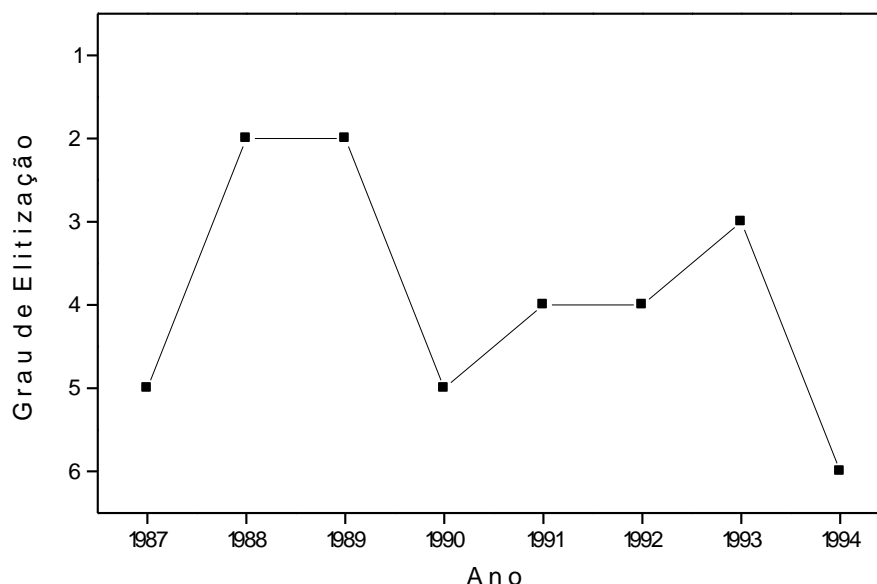
Figura 4 - Classificação do curso de Biologia em cada ano

Se compararmos as características dos alunos do curso de Biologia oferecido pela Unicamp, com as características dos alunos do curso de Biologia oferecido pela Unesp[11] (São José do Rio Preto) percebemos que a diferença é muito acentuada em vários aspectos.

Entre os alunos de Biologia da Unicamp, 57,5% fizeram escola pública de 1º Grau, 32,5% fizeram escola pública de 2º Grau, 82,5% das mães tem colegial ou curso superior, 75% dos pais tem colegial ou curso superior e 85% não trabalha.

[10] Dados referentes ao vestibular de 1994.

[11] Para esta comparação utilizamos o trabalho de Whitaker (1989) no que se refere aos dados da Unesp, quando analisa o ano de 1986. Para a Unicamp utilizamos o ano de 1987, primeiro ano de nossa análise.

Entre os alunos do curso de Biologia da Unesp (São José do Rio Preto), 78% fizeram escola pública de 1º grau, 66% fizeram escola pública de 2º Grau, 32% das mães tem colegial ou curso superior, 34% dos pais tem colegial ou curso superior e 82% não trabalha. Assim temos:

Tabela 15 - Alunos do curso de Biologia

Características	Unicamp (%)	UNESP (%)
Fizeram escola pública de 1º Grau	57,5	78,0
Fizeram escola pública de 2º Grau	32,5	66,0
Mães com colegial ou curso superior	82,5	32,0
Pais com colegial ou curso superior	75,0	34,0
Não trabalham	85,0	82,0

Notamos serem aspectos de elitização bem diferentes. O curso de Biologia da Unicamp obedece padrões de elitização comparáveis aos cursos mais elitizados da Unicamp (por exemplo - Medicina)

Observando o catálogo de cursos de graduação da Unicamp de 1994, o aluno que cursa Ciências Biológicas no período diurno na Unicamp (ou seja, o curso número 6) tem a oportunidade de optar por Licenciatura ou Bacharelado, dando o Bacharelado ainda as seguintes opções:

Instrumentação Médica - Comportando diferentes especializações, orientados para: Bioquímica Médica, Anatomia Humana, Histologia e Embriologia Humanas, Fisiologia Humana e Biofísica Médica, Microbiologia e Imunologia Médica, Parasitologia Médica Farmacológica, Laboratório Clínico.

Modalidade A - Estudos do Ambiente com ênfase em Zoologia, Botânica, Fisiologia e Ecologia.

Modalidade B - Processos Moleculares (Biotecnologia), Bioquímica Microbiologia, Imunologia, Fisiologia, Biologia Celular e Genética. Diferentes especializações orientadas para: Bioquímica, Botânica, Citologia, Histologia e Embriologia, Ecologia, Fisiologia Vegetal, Genética, Zoologia e Zooparasitologia.

O curso de Biologia diurno da Unicamp têm características próprias no que se refere a ementa apresentada; este é um fator explicativo quando observamos o comportamento dos dados relativos a este curso.

É um curso com 50% de homens e 50% de mulheres, portanto bastante equilibrado todos os anos; muito concorrido, com uma relação candidato/vaga bastante alta e com notas médias de vestibular todos os anos entre os cursos mais altos. Quando observamos o gráfico de elitização do curso vemos que todos estes dados se confirmam, as colocações oscilam todos os anos entre as primeiras, ou seja, entre os cursos mais elitizados.

Os dados sugerem que esta elitização é resultado do "tipo de curso" oferecido pela Unicamp em período diurno: um curso voltado para o bacharelado com opção para modalidade biológica ou modalidade médica.

Mesmo não analisando todos os cursos noturnos, vale observar como se comportam os dados do curso de Biologia noturno.

Este curso foi formado em 1993, portanto, dispomos apenas dois anos de dados referentes a ele. Em 1993, ocupou o 24o. lugar em grau de elitização na Unicamp e em 1994, ocupou o 22º lugar, portanto um curso bem pouco elitizado, uma vez que ocupa uma das últimas posições no quadro de elitização dos cursos oferecidos pela Unicamp.

Notamos ser esta uma realidade bem diferente do curso diurno e ao consultarmos o catálogo de ementas dos cursos de graduação da Unicamp, fica clara a grande diferença.

No que diz respeito ao curso de Biologia noturno, o catálogo de graduação da Unicamp traz que "o profissional poderá atuar como professor em nível de primeiro e segundo Grau ou como professor universitário", ou seja é um curso exclusivamente de Licenciatura, não oferecendo para o noturno nenhuma das modalidades oferecidas no diurno.

Além da diferença entre os cursos de Biologia diurno e noturno da Unicamp a maior parte dos candidatos que procuram um curso noturno, deve ou precisa trabalhar. Observando os dados dos que exercem algum tipo de atividade remunerada no curso noturno temos que: no ano de 1993, apenas 25,8% não trabalhavam e em 1994, 46,9% não trabalhavam. Comparando estes dados com o curso diurno, onde em média 85% não trabalham, fica claro a diferença entre os dois períodos e isso reforça a elitização do diurno.

Educação Física

O curso de Educação Física chegou a ocupar em 1990, o quarto lugar em grau de elitização, chegando a décimo segundo em 1991. Nota-se uma crescente elitização nesse curso nos últimos anos. No ano de 1994, está em quinto lugar no gráfico de elitização.
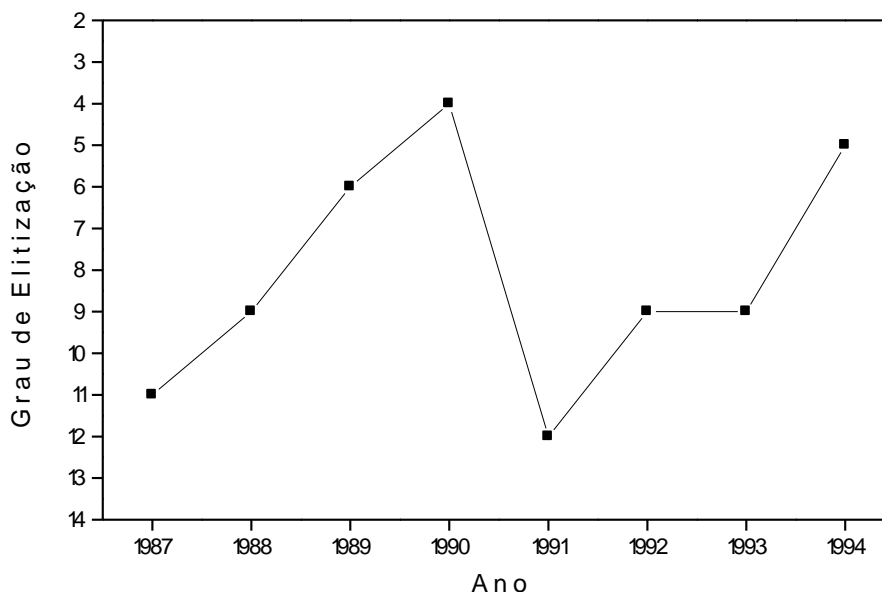
Figura 5 - Classificação do curso de Educação Física em cada ano

O aluno de Educação Física pode optar entre Bacharelado e Licenciatura, dando o Bacharelado as opções de "Treinamento em Esportes" ou "Recreação e Lazer".

No vestibular de 1994, Educação Física teve uma concorrência de 15 candidatos por vaga na 1º fase e de 8 candidatos por vaga na 2º fase, o que o torna um curso concorrido.

É curioso notarmos que Educação Física esteja entre os cursos concorridos da Unicamp, já que estudos anteriores[12] mostram ser Educação Física um curso com pouco prestígio social. O profissional de Educação Física deverá, na maioria das vezes, dar aulas para o 1º e 2º graus, onde o salário não é nada atrativo, alguns com um certo capital financeiro, poderão montar um negócio próprio, uma academia e os que tiverem muita sorte, podem até se tornar técnicos de um grande time um dia. Contudo, não é uma profissão tradicional de prestígio e nem tampouco atrativa do ponto de vista financeiro. Entretanto, o curso de Educação Física na Unicamp tem um alto nível de elitização. O mais curioso é notarmos que é um curso com um percentual equilibrado entre homens e mulheres.

Temos como hipótese que a alta concorrência e o alto grau de elitização do curso de Educação Física, está no fato de ser um curso ligado à área de Medicina (Ciências Biológicas e Profissões da Saúde).

---

[12] Ver Foracchi (1965).

Engenharias

A profissão do engenheiro no Brasil, em seu início, esteve intimamente ligada ao aparelho do Estado como "arte militar", diretamente relacionada com questões de segurança e de repressão frente à necessidade de consolidação da unidade nacional (Kawamura,1977;p. 9). Nos últimos 25 anos do Século XIX, as demandas pela engenharia ampliaram-se frente à expansão da rede ferroviária, montada em função da agro-exportação e dos serviços associados, como a instalação de hidrelétricas, serviços de transporte urbano, saneamento, gás e edificações públicas, já com a presença do capital estrangeiro. O engenheiro é nesta etapa o profissional que não somente supervisiona, controla e organiza a força de trabalho braçal, mas também o que participa intensamente do planejamento das obras, conquanto este tipo de atividade fosse desempenhado principalmente pelos engenheiros estrangeiros trazidos para o Brasil pelas próprias companhias que atuavam nesses setores.

O prestígio da carreira está diretamente associado ao processo de acumulação de modo imediato. As posições de mando a que chegam os engenheiros, tanto na empresa privada como no âmbito do Estado, imprimem à profissão uma qualidade de *status* social: "na comparação inversa com o médico da época, o assalariamento era condição de ascenção social e de poder uma vez que sua atividade - técnica, administrativa e política - só podia ser desenvolvida no interior da empresa capitalista ou do serviço público"(Prandi 1982:73).

<u>Engenharia Mecânica</u>
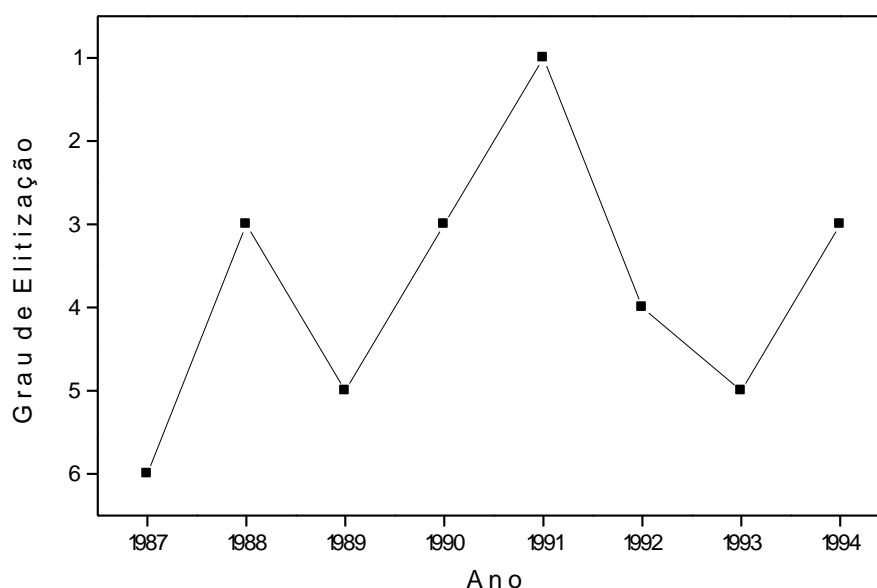
Figura 6 - Classificação do curso de Engenharia Mecânica em cada ano

Engenharia Mecânica é um curso que mantém-se estável ao longo dos oito anos analisados, oscilando entre primeiro e sexto lugares, porém, mantendo-se por mais tempo nas faixas dos terceiro e quarto lugares, o que mostra ser este um curso procurado pela elite.

É um curso predominantemente masculino, com alta demanda e com notas médias entre as mais altas do vestibular da Unicamp todos os anos. Se consultarmos as figuras, notamos que em 1991 atinge o primeiro lugar em elitização, e foi exatamente neste ano que o primeiro colocado do vestibular da Unicamp era do curso de Engenharia Mecânica. Não podemos concluir que este seja um movimento mecânico, por exemplo;aluno primeiro colocado do vestibular/ curso primeiro colocado em grau de elitização. Contudo, podemos considerar que o capital cultural dos alunos ingressantes reflete de uma certa maneira o grau de elitização de um curso, já que o que está em jogo não é somente a renda familiar quando medimos o grau de elitização, mas o nível de instrução dos pais e ocupação do pai, associado a outras variáveis como já dissemos anteriormente.

A realidade industrial dos anos 90 e a rápida transformação dos processos de produção fizeram do Engenheiro Mecânico um profissional requisitado pelo mercado de trabalho. Para atender às exigências da década, introduziu-se uma maior carga de disciplinas nas áreas de eletrônica e informática no curso de Engenharia Mecânica da Unicamp. Esse tipo de reformulação de cursos faz com que aumente cada vez mais a procura por cursos oferecidos pela Unicamp. Por ser um curso tradicional e com alto prestígio, entrar no curso de Engenharia Mecânica da Unicamp torna-se uma conquista para jovens com alto grau de elitização e como conseqüência, na maioria das vezes, portadores de capital cultural elevado.

Engenharia de Computação

Como a maioria das engenharias, esta também está entre os cursos mais elitizados da Unicamp, porém mantém-se constantemente entre o quinto e o sexto lugar, oscilando apenas entre estas duas posições.
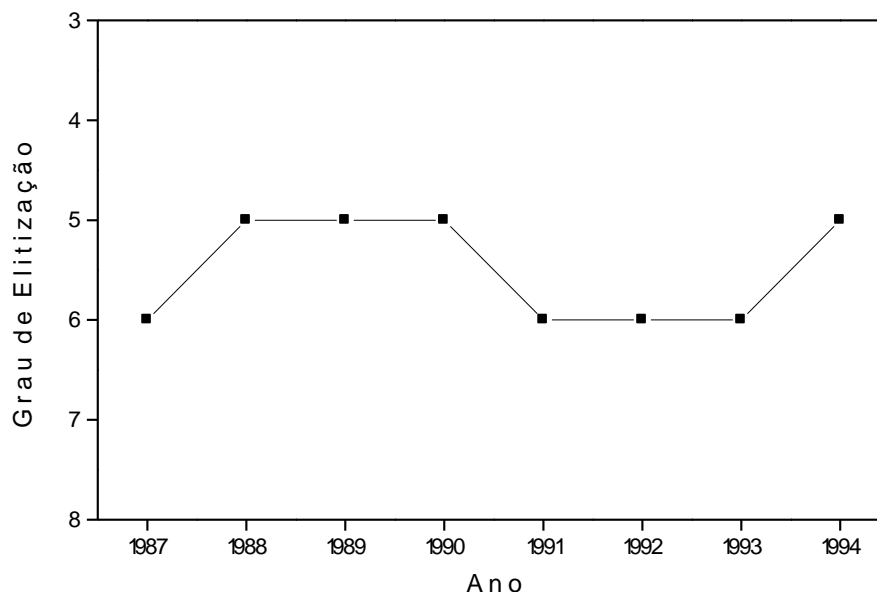
Figura 7 - Classificação do curso de Engenharia da Computação em cada ano

Segundo a revista do vestibulando de 1995, "a formação do Engenheiro de Computação é abrangente e sólida: vai dos fundamentos da Engenharia à Ciência da Computação, passando pelas especializações técnicas em software e hardware - de acordo com a modalidade escolhida - e as aplicações indústriais da informática". Assim, o Engenheiro de Computação poderá atuar em qualquer área da informática, seja em empresas de produção de computadores, seja em empresas ou industria usuárias de informática. Mas há também um bom campo de trabalho em grupos financeiros, centros de pesquisa e desenvolvimento, universidades, estabelecimentos de ensino e nos serviços públicos.

É um curso com aproximadamente 80% de homens e 20% de mulheres, com alta demanda e alta relação candidato/vaga. Com nota média anual sempre entre os cursos de maiores notas[13], o que prova serem alunos com um capital cultural elevado. No entanto, o grau de elitização do curso está aquém de outras engenharias que normalmente não tem notas tão elevadas quanto Engenharia de Computação (por exemplo Engenharia de Alimentos e Engenharia Civil).

[13]Nos anos de 1988, 1989 e 1993, alunos que obtiveram a primeira colocação no vestibular da Unicamp eram do curso de Engenharia de Computação.

Engenharia Elétrica
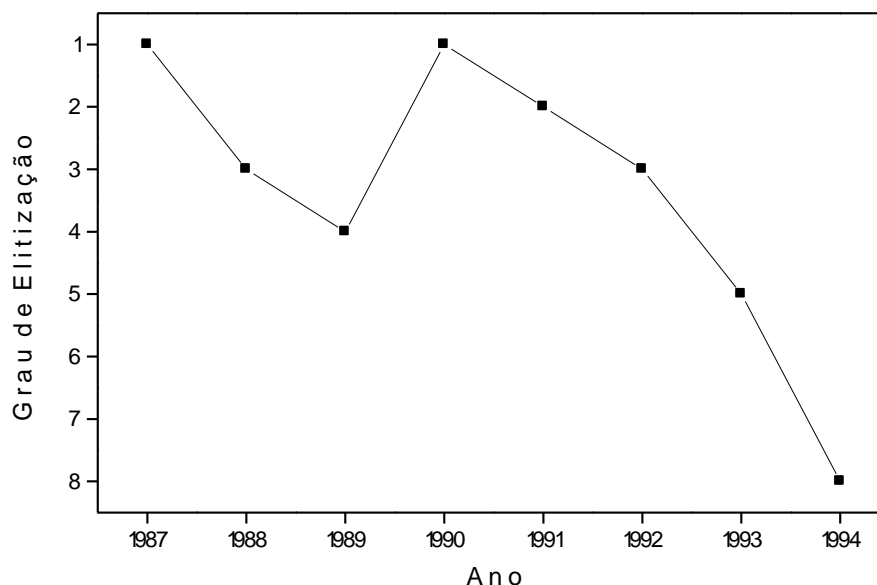
Figura 8 - Classificação do curso de Engenharia Elétrica em cada ano

É um dos cursos mais concorridos da Unicamp, porém seu grau de elitização vem diminuindo ano a ano, passando progressivamente de primeiro lugar em 1990, para oitavo lugar em 1994.

De modo geral, o mercado profissional da Engenharia Elétrica tem crescido e superado até mesmo a crise da indústria em vários momentos, o que torna este um curso muito atrativo. Em 1994, a concorrência foi bastante alta (3o. lugar) sendo que na 1º fase eram 26 candidatos por vaga e na 2º fase eram 14 candidatos por vaga.

Durante os oito anos de vestibular analisados, os candidatos ao curso de Engenharia Elétrica alcançam, na maioria, a primeira colocação em termos de notas[14]. Mas foi somente no ano de 1987 que o aluno a obter a primeira colocação no vestibular era do curso de Engenharia Elétrica. Interessante notar que é este um dos anos em que o curso atinge o primeiro lugar em elitização.

Mesmo assim, o grau de elitização do curso de Engenharia Elétrica da Unicamp vem diminuindo a cada ano. Será este um sinal de que mesmo sendo muito concorrido, este curso vem se democratizando ?

Engenharia Civil

No caso de Engenharia Civil, o nível de elitização vem aumentando ano a ano, com pequenas oscilações.

[14] Os candidatos ao curso de Engenharia Elétrica obtêm o primeiro lugar em notas nos anos de 1987, 1988, 1989, 1990, 1991 e 1993 e o segundo lugar em 1992 e 1994.
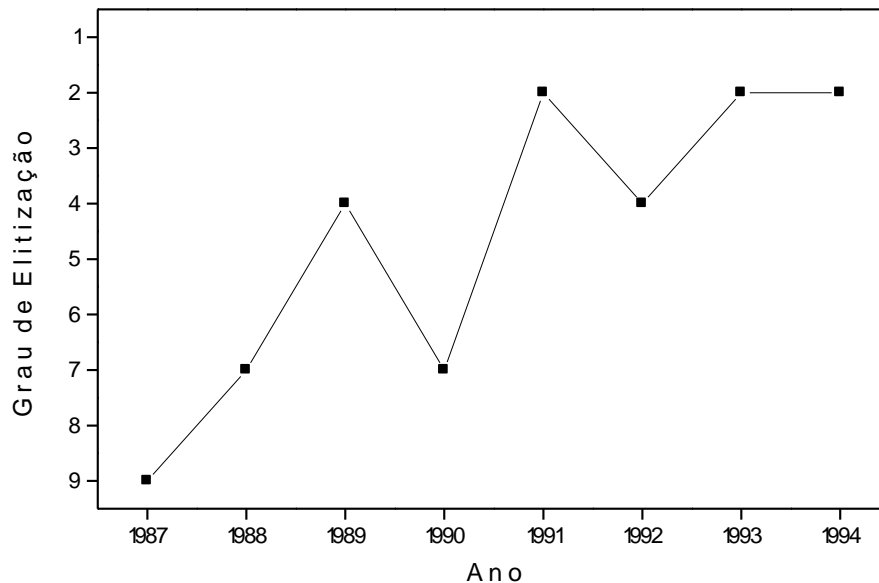
Figura 9 - Classificação do curso de Engenharia Civil em cada ano

Note-se que de nono lugar em 1987, passa para sétimo lugar em 1988 e quarto lugar em 1989. Neste ano , 1989, o curso de Engenharia Civil é transferido de Limeira para Campinas.

Em Limeira o curso estava instalado entre os cursos de Tecnologia. Em 1988 foi realizada uma campanha pelos alunos visando a mudança do curso para o *campus* de Campinas. O fato de ter aumentado o grau de elitização a partir deste momento, neste curso, provavelmente está refletindo a mudança do *campus*.

Além do prestígio do curso de Engenharia Civil - profissão liberal tradicional - e a mudança do *campus* que influenciou muito o aumento do grau de elitização deste curso, outro fator importante e que merece ser destacado é o aquecimento do mercado imobiliário e da construção civil nestes anos.

Diferentemente de Engenharia Elétrica, que vem diminuindo o grau de elitização progressivamente ao longo dos anos, Engenharia Civil vem aumentando, com pequenas oscilações, mas em geral mantendo-se entre os primeiros colocados.

Engenharia de Alimentos

Engenharia de Alimentos também é um caso curioso que merece ser ressaltado.

.
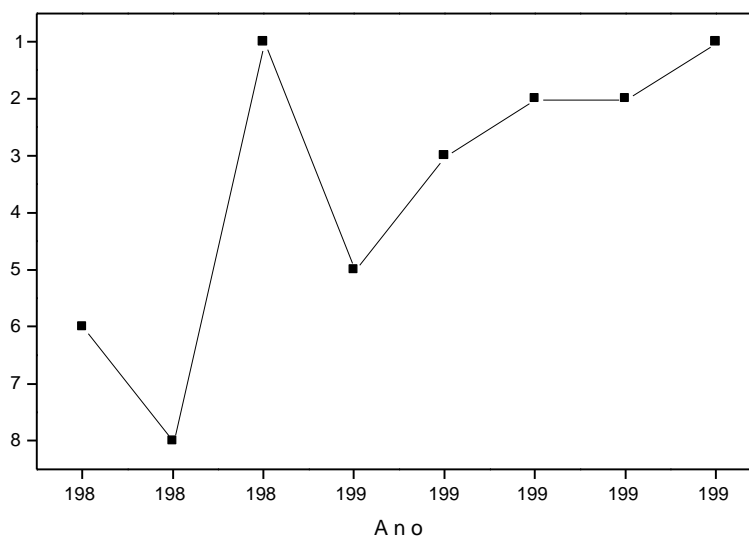
Figura 10 - Classificação do curso de Engenharia de Alimentos em cada ano

Com exceção do ano de 1988, no qual ocupa a oitava colocação, o curso de Engenharia de Alimentos consegue alcançar as primeiras colocações, aumentando progressivamente seu grau de elitização ao longo dos anos chegando em primeiro lugar em 1994 (e em 1989).

É um curso com média de aproximadamente 60% de mulheres e 40% de homens anualmente, com alta demanda e com 24 candidatos para cada vaga na 1ª fase do vestibular de 1994. Nesse concurso, o aluno com maior nota do vestibular da Unicamp tinha como primeira opção o curso de Engenharia de Alimentos. Apesar disto, as notas médias dos alunos ingressantes neste curso não são as melhores, chegam a ocupar o décimo segundo lugar em termos de nota, comparado a todos os demais cursos da Unicamp. Mesmo sendo uma Engenharia, não podemos falar em tradição, visto que é um curso de criação recente no país.

A explicação para o aumento do grau de elitização no curso de Engenharia de Alimentos pode estar em vários fatores. Um deles pode ser exatamente o fato de ser um curso fortemente associado a novos mercados de trabalho. Para o aprofundamento desta análise seriam necessários outros dados que não entraram no escopo do presente trabalho.

Engenharia Agrícola

Engenharia Agrícola é um curso com grau de elitização bem baixo, comparado as outras engenharias. Da 12ª posição que ocupa em 1987, chega a 18a. posição em 1988, e o máximo que consegue alcançar é a 7a. posição em 1992.
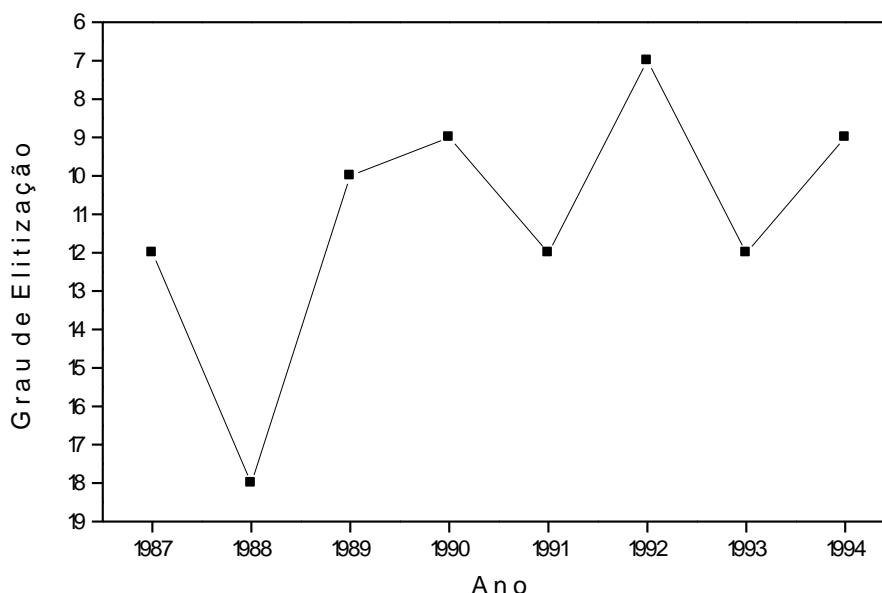
Figura 11 - Classificação do Curso de Engenharia Agrícola em cada ano

A Engenharia Agrícola nasceu do casamento entre dois importantes campos do desenvolvimento - a Engenharia e a Agricultura. É uma atividade científica e profissional bem típica dos tempos atuais. O curso da Unicamp é o único no Estado de São Paulo, tendo sido reconhecido pelo MEC em 1979.

No Catálogo de Cursos da Unicamp de 1994, encontramos a seguinte definição: "o Engenheiro Agrícola, poderá atuar na resolução de problemas de engenharia que afetam o desenvolvimento rural, com conhecimentos básicos de ciências físico-matemáticas, de engenharia de ciências agrícolas e de sócio-economia, a fim de desenvolver atividades na área de máquinas agrícolas, engenharia de águas e solos para a agricultura, construção e ambientação rural, planejamento rural, beneficiamento, conservação, manuseio e pré-processamento de produtos agrícolas. O avanço tecnológico na área de Ciências Agrárias provocou o desenvolvimento da Engenharia Agrícola, para constituir profissão específica".

Além do baixo nível de elitização do curso de engenharia agrícola, é a única das engenharias oferecidas pela Unicamp com vagas preenchidas por candidatos que optaram por ela em segunda e terceira opção.

Nossa hipótese para justificar o baixo nível de elitização do curso de engenharia agrícola é a ruralidade representativa do curso. A baixa remuneração e dificuldade de vida

ligada a profissões do campo podem ser as responsáveis pela baixa demanda e baixa elitização deste curso.

Ciências Humanas

Economia

Pode-se ver na Figura 12, que o curso de Economia é um curso que se mantém com alto grau de elitização. Apesar da oscilação existente, está sempre entre os primeiros colocados na escala de elitização.
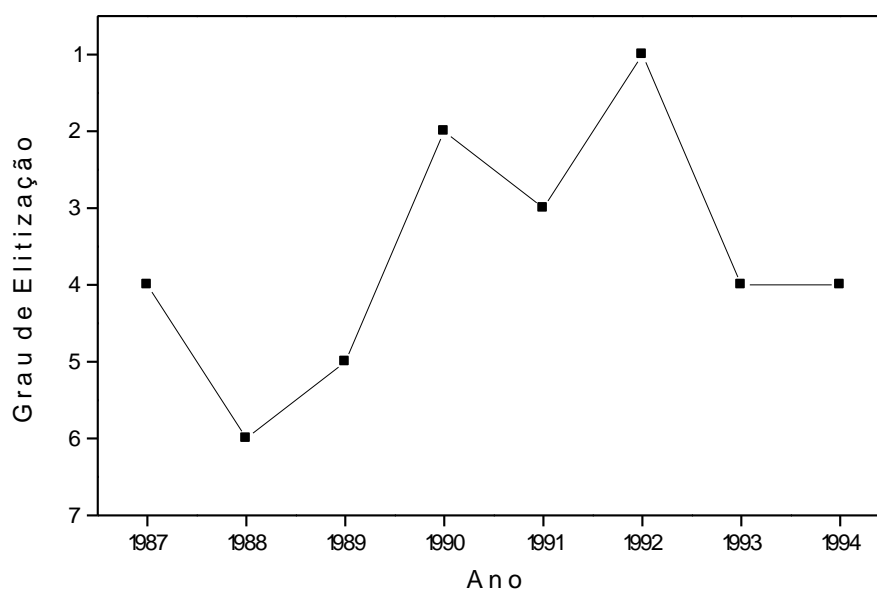
Figura 12 - Classificação do curso de Economia em cada ano

Prandi (1982; p. 104) entrevista um veterano do curso de Economia que no início da década de 80 diz: "o economista é artigo de luxo, sendo despedido a qualquer crise". E descobre um novo personagem como solução, é o engenheiro-economista[15] que teria "maiores oportunidades salariais, ampliados pela abertura do leque de funções que poderia desempenhar

Prandi (1982; p. 104) entrevista um veterano do curso de Economia que no início da década de 80 diz: "o economista é artigo de luxo, sendo despedido a qualquer crise". E descobre um novo personagem como solução, é o engenheiro-economista[16] que teria "maiores oportunidades salariais, ampliados pela abertura do leque de funções que poderia desempenhar".

[15] Indivíduo formado em engenharia e que exerce função de economista em empresas.
[16] Indivíduo formado em engenharia e que exerce função de economista em empresas.

Esta informação indica que a função do economista parecia não estar bem definida e valorizada neste período, o que levava os profissionais da área a terem certa insegurança neste sentido.

O mesmo não ocorre atualmente. A função do economista atualmente em uma empresa privada ou estatal parece ser fundamental. Para os dias de hoje, possuir profissionais que entendam de globalização, economia de mercado, planejamento econômico e financeiro, financiamentos internacionais e nacionais, otimização da produção, aumento da produtividade, tornou-se muito importante. Nossa economia mudou muitas vezes e somente um especialista no assunto poderia acompanhar com maior segurança, tantas mudanças. O engenheiro-economista já não é tão seguro para a empresa por não ser um especialista na área econômica.

Mesmo o pequeno comerciante hoje, precisa ter o auxílio de um economista por menor que seja sua empresa esse auxílio torna-se indispensável.

O horizonte profissional do economista é consideravelmente diversificado. O economista pode desempenhar tarefas tais como planejamento econômico, financeiro e administrativo de empresas e outras instituições; pode, por outro lado, analisar a política econômica e pesquisar o comportamento de variáveis como os salários, os preços, o emprego, o comércio internacional, a dívida pública, a dívida externa etc.

Com tudo isto, o prestígio do curso aumenta e passa a ser cada vez mais elitizado. Chegando a ocupar a primeira colocação em 1992, segunda em 1990, terceira em 1991, quarta em 1987, quinta em 1989 e a sexta colocação que ocorreu em 1988 (conforme mostra a Figura 12). É portanto, um dos cursos que ocupam as mais elevadas classificações em termos de elitização na Unicamp.

Ciências Sociais

Curiosamente, Ciências Sociais figura entre os cursos mais elitizados oferecidos pela Unicamp. Está entre o 7º e 8º lugares em quase todos os anos, chegando ao 4o. lugar em 1988.
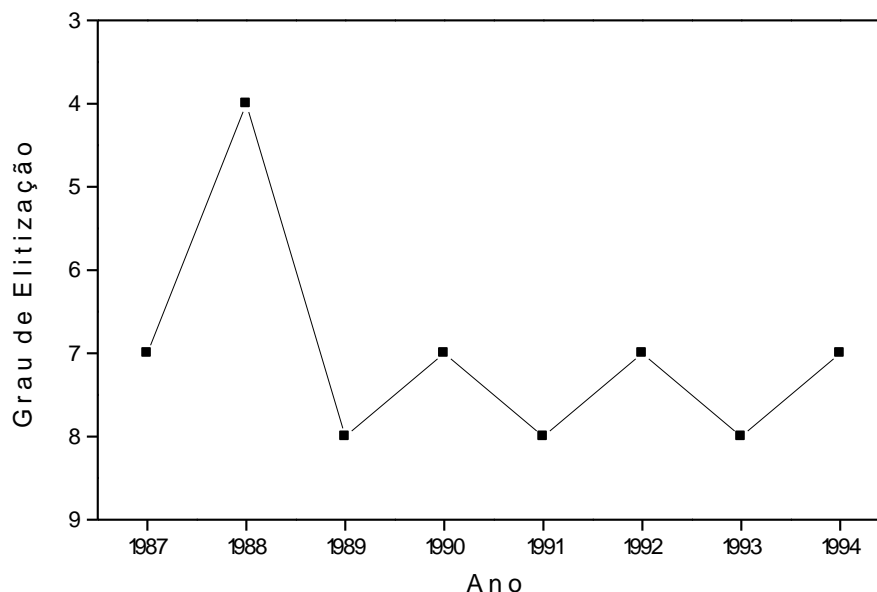
Figura 13 - Classificação do Curso de Ciências Sociais em cada ano

Digo curiosamente porque, analisando a literatura da década de 70 e 80, percebemos que Ciências Sociais era um curso pouco concorrido, com alta evasão e em alguns casos, baixo nível sócio-econômico dos candidatos[17].

Isto se explica se considerarmos o regime político do período. Com a "abertura", muita coisa mudou no Brasil e muitas mudanças ocorreram no mundo: caiu o Muro de Berlim; a União Soviética abriu suas portas; tivemos a Guerra do Golfo etc. Novas doenças invadiram o planeta, doenças ligadas à subnutrição e ao abandono do Terceiro Mundo, além de doenças que colocam em discussão comportamentos, como a AIDS. Fala-se em globalização . Vivemos hoje num mundo muito intrigante e esta ligação com a política mundial atual, faz com que indivíduos com um poder de informação, capital cultural mais elevado, sejam estimulados a busca respostas. Isto talvez nos remeta à explicação do porquê o curso de Ciências Sociais vem se elitizando.

O objetivo do curso é preparar profissionais aptos a "compreender o desenvolvimento das Ciências Sociais e dotados dos instrumentos necessários para a análise das estruturas sociais - relações, instituições, representações e cultura, fenômenos de ordenação e transformação política etc" (*Revista do Vestibulando* - Unicamp 95).

As perspectivas de trabalho para o profissional de Ciências Sociais se concentravam, até há alguns anos, quase que exclusivamente no magistério. Hoje, entretanto, cresce o aproveitamento do cientista social nas estruturas de planejamento,

[17] Vários autores escreveram sobre o assunto, entre eles Marialice Forrachi e Dulce Whitaker.

pesquisa e assessoria técnica da iniciativa privada e dos serviços públicos. Assim, o bacharel tem lugar em muitas empresas de pesquisa de mercado e de opinião pública, de propaganda e publicidade, de planejamento e imprensa e também nas universidades e institutos de estudos e pesquisas sociais. O licenciado, além das atribuições do bacharel, poderá atuar como professor nas escolas de primeiro e segundo graus. Provavelmente estas sejam algumas das explicações do alto grau de elitização do curso de Ciências Sociais oferecido pela Unicamp.

Marialice M. Foracchi (1982; p. 105) escreve que os alunos que optaram por Ciências Sociais o fizeram por "aspirações heróicas" e de "uma maneira um tanto ingênua eles ligavam mecanicamente o conhecimento da realidade social à necessidade da modificação". Podemos seguramente afirmar que hoje os alunos não pensam da mesma maneira e a diferença está no fato de que, como ela mesma afirma, nesse período existiam apenas duas opções, ou melhor, duas perspectivas profissionais apenas: o magistério e a pesquisa.

Dados referentes a Unesp para os anos de 1985 e 1986, (Whitaker;1989) revelam o curso de Ciências Sociais dessa Universidade como sendo um dos cursos menos elitizados oferecidos pela Unesp. Quase uma década depois, será que os dados da Unesp relativos ao curso de Ciências Sociais continuam iguais?

Letras e Lingüística

O curso de Letras e Lingüística da Unicamp, também está entre os cursos elitizados. No ano de 1992, ocupava o 5o. lugar em grau de elitização, em 1988 ocupava o 8º lugar e 1994 o 9o. lugar. Em 1991 chega a 11º lugar, descendo para 13o. em 1987, 1988 e 1990 e atinge o 14o. lugar em 1993.
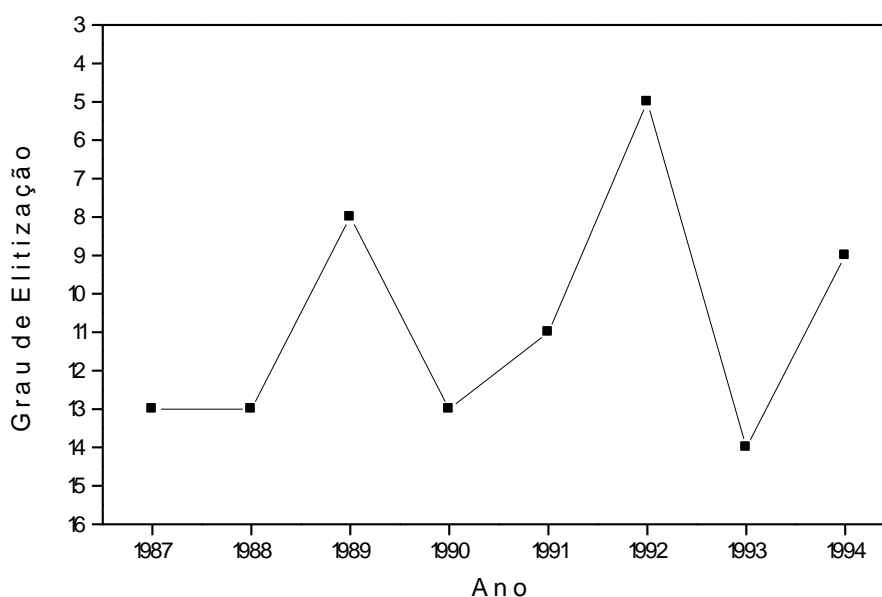
Figura 14 - Classificação do Curso de Letras em cada ano.

Não é um dos mais elitizados oferecidos por esta Universidade, mas em alguns anos alcança um grau de elitização bem elevado. Considerando-se ser este um curso feminino e de licenciatura, fica curioso observar esta elitização, já que entre as licenciaturas não é tão comum encontrarmos altos índices de elitização.

O curso está dividido entre as seguintes opções: Bacharelado (Letras e Lingüística) e Licenciatura (Letras).

O bacharel em Letras pode trabalhar em áreas profissionais ligadas ao ensino da língua materna e em assessoria técnica; editoração etc. O licenciado em Letras poderá lecionar Português em escolas de 1º e 2º Graus.

Neste curso, a grande novidade é o bacharelado em Lingüística, pois é esta uma experiência pioneira no país. É um curso de orientação teórica, voltado para o estudo do fenômeno da linguagem humana. Concentra-se inicialmente em disciplinas básicas e gerais de Lingüística, desembocando a seguir em domínio de descrição que são considerados prioritários para a área no Brasil: a língua portuguesa e as línguas indígenas brasileiras

No Catálogo dos Cursos de Graduação da Unicamp de 1994, encontramos a seguinte definição; "...o profissional em Lingüística, poderá atuar no planejamento e desenvolvimento de projetos de alfabetização, na elaboração de currículos e materiais didáticos de língua materna adequados a diferentes situações sociais e culturais. Poderá atuar também no registro de descrição de línguas de grupos étnicos minoritários e na documentação e indexação de dados lingüísticos"[18]

Talvez esta definição sobre o tipo de profissional que a Unicamp prepara, diferentemente de muitas outras universidades e faculdades que oferecem o curso de Letras, explique a diferença do curso oferecido pela Unicamp e explique também a opção por Lingüística. Este fator poderá estar atraindo jovens com graus de elitização elevados e tornando a relação candidato/vaga deste curso relativamente alta (12 candidatos para cada vaga).

[18] *Catálogo dos Cursos de Graduação da Unicamp* (1988).

Conclusões

1 - Estratificação dos Cursos da Unicamp

A partir das classificações dos cursos, em cada ano, no fator "elitização", refletida na ordem dos *scores* observamos que:

* a reduzida flutuação entre classificação ao longo dos anos indica regularidade no processo de elitização;

* a maioria dos cursos flutua na posição ocupada ao longo dos anos entre a 4a. e a 6a. categoria de classificação. Por exemplo: Medicina entre 1ª e 6a. colocação; Engenharia Elétrica entre a 1ª e a 8a. colocação; Odontologia entre a 6a. e a 10a. colocação; Biologia entre a 2ª e a 6a. colocação; Engenharia de Alimentos entre a 1ª e a 8a. colocação etc.

As exceções ocorrem em relação aos cursos menos concorridos, que a partir de 1992, com a criação da maioria dos cursos noturnos da Unicamp, foram deslocados ainda mais para baixo na escala de elitização dos cursos, aumentando assim a diferença entre as categorias de classificação.

Estas faixas de flutuação, consistentemente exclusivas ao longo dos anos permitem focalizar segundo o grau de elitização, estratos de cursos. O estrato mais elitizado é constituído pelos cursos: Medicina, Biologia, Engenharia Mecânica, Engenharia da Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Economia e Ciências Sociais, cuja flutuação permanece entre a 1ª e a 8a. colocação.

O estrato intermediário é constituído pelos cursos: Odontologia, Engenharia Agrícola, Letras, Física, Filosofia, Música, Educação Artística, Artes Cênicas, cuja flutuação permanece entre a 5a. e a 18a. colocação.

O estrato menos elitizado é constituído pelos cursos: Matemática, Química, Pedagogia, História, Matemática Noturno, Enfermagem, Pedagogia Noturno, Tecnologia Sanitária, Tecnologia de Edifícios Tecnologia de Obras, cuja flutuação permanece entre a 10a. e a 29a. colocação.

Cursos como Engenharia Química, Educação Física, Matemática Aplicada, Dança e Estatística não mostram este padrão de regularidade, pois flutuam nos três estratos. Assim temos as seguintes tabelas[19]:

---

[19]A ordem de apresentação dos cursos nas próximas três tabelas não obedecem a nenhum critério de classificação.

Tabela 16 -Estratos Superiores (1ª a 8a. Colocação)

Cursos	Amplitude de Variação da Classificação
Medicina	1ª e 6a.
Biologia	2ª e 6a.
E. Mecânica	1ª e 6a.
E. Computação	5a. e 6a.
E. Elétrica	1ª e 8a.
E, Civil	2ª e 9a.
E. Alimentos	1ª e 8a.
Economia	1ª e 6a.
Ciências Sociais	4a. e 8a.

Tabela 17 - Estratos intermediários (5a. a 18a. Colocação)

Curso	Amplitude de Variação da Classificação
Odontologia	6a. e 10a.
E. Agrícola	7a. e 18a.
Letras	5a. e 14a.
Física	8a. e 16a.
Filosofia	9a. e 18a.
Música	5a. e 16a.
Ed. Artística	5a. e 16a.
Artes Cênicas	8a. e 14a.

Tabela 18 - Estratos Inferiores (10a. a 29a. Colocação)

Cursos	Amplitude de Variação da Classificação
Matemática	11ª e 25a.
Química	12ª e 21ª
Pedagogia	11ª e 20a.
História	11ª e 17a.
Matemática Noturno	17a. e 27a.
Pedagogia Noturno	16a. e 27a.
Enfermagem	10a. e 21ª
Tec. Sanitária	18a. e 29a.
Tec. Edifícios	15a. e 28a.
Tec. Obras	16a. e 29a.

É necessário observar que existe uma mistura entre os estratos de tal forma que há uma intersecção entre cursos do extrato intermediário e do superior. Por exemplo: O curso de Odontologia está entre a 6a. e 10a. colocação, o que significa que em alguns anos ocupa uma colocação no nível superior e em outros está no nível intermediário. Cursos de menor

elitização também comparecem em classificação superior, no estrato intermediário. Por exemplo: o curso de Química está entre a 12ª e 21ª colocação, o que significa que em alguns anos ocupa colocação no nível intermediário e em outros anos está no nível inferior.

Importante observar também que cursos que não apresentam este padrão de regularidade, ou seja, que flutuam nos estratos, o fazem apenas entre estratos vizinhos, não aparecendo nenhum curso que flutue do estrato superior para o inferior.

Por fim, observa-se que a amplitude de variação da classificação do estrato superior é menor do que a do estrato intermediário, que por sua vez é ainda menor que a do estrato inferior.

2 - Considerações finais

Todas estas análises e figuras exigem ainda um segundo nível de interpretações para que, como bem colocou Whitaker, "a investigação não seja apenas mais um calhamaço de dados a serem esquecidos nas prateleiras e estantes das bibliotecas das universidades" (Whitaker, 1989; p. 87) Tais interpretações bem como as análises, oferecem vários caminhos, dependendo dos interesses que estejam em jogo e que sempre estão subjacentes aos motivos da pesquisa[20].

Entrar na Universidade já é um desafio para classes médias e altas, ou seja, da elite, porque as classes subalternas não passam dos primeiros anos de escolaridade no Brasil. Iniciamos essa pesquisa perguntando se a Unicamp vem se elitizando ou se sempre foi elitizada. O problema da elitização não está na Unicamp ou em qualquer outra Universidade, seja ela pública ou privada, mas no ensino básico oferecido pelo país. Não podemos afirmar que a Unicamp vem se elitizando cada vez mais ao longo destes oito anos, porque o índice de elitização se mantém aproximadamente o mesmo de 88 a 94[21], as cargas no fator variaram muito pouco. Porém, podemos afirmar que a elitização entre cursos na Unicamp existe. Constatamos que alguns cursos se elitizam cada vez mais, outros mantém o seu grau de elitização e outros ainda diminuiram o grau ao longo do período considerado. O que podemos afirmar é que a Universidade é uma espécie de funil, onde somente alguns podem passar, isso em qualquer lugar do mundo e este fato por si só, já demonstra elitização.

Muito embora a elitização presente na Universidade possa ser fruto de fatores conjunturais, ela nos aconselha certa cautela. Principalmente porque quando encontramos certos aspectos democratizantes na Universidade Pública, corremos sempre o risco de cairmos em falsas interpretações. Não podemos esquecer que lidamos com indivíduos privilegiados.

---

[20] As figuras apresentadas no Anexo I, dizem respeito aos demais cursos oferecidos pela Unicamp. Visto que novas análises poderão ser feitas a partir deste trabalho, decidimos apresentar todas as figuras resultantes da análise estatística realizada.

[21] Exceção apenas para o ano de 1987, como já vimos anteriormente.

Na análise dos resultados da Análise de Correspondência foi possível observar que para a totalidade das variáveis estudadas as categorias que refletem baixa elitização comparecem com pouca "massa", pouca freqüência, e em geral estão na periferia da figura e poucos cursos contribuem para sua presença.

Desta forma a maior ou menor elitização, refletida pelos *scores* dos cursos nesta primeira dimensão derivada, é sempre relativa à configuração encontrada. Sem este foco de aumento, as diferenças seriam pouco visíveis entre os cursos, o que denota um certo caráter de elite em todos os cursos da Unicamp a primeira vista, sem exceção.

No que se refere a Unicamp, propriamente, vimos que ela já nasceu com "ares" de elite, de melhor, de mais competente. A campanha de *marketing* feita sobre a imagem da Unicamp, iniciada por Zeferino Vaz, tentou sempre trazer a idéia de que a Unicamp era diferente e portanto, melhor. Para merecer tal fama, somente as melhores cabeças é que poderiam integrar seus quadros docentes e discentes.

Para tal, o vestibular tinha que ser diferente. Com a pretensão até de redirecionar os ensinos de 1º e 2º graus, a Unicamp desvincula-se da Fuvest e cria seu próprio vestibular (1987). Era uma atitude ousada, porém não impossível para quem tinha a fama de "melhor".

O tipo de vestibular que se criou revalorizou a leitura e a prática da escrita, do raciocínio lógico, da interpretação. Aboliram-se os testes, acabaram-se as "pegadinhas". O aluno que gosta de ler e não simplesmente decorar, passou a ser valorizado com o novo vestibular dissertativo, a redação passou a valer mais da metade da nota da prova. O ingresso na Unicamp passou a depender do real conhecimento do aluno das questões propostas no vestibular, acabando de vez com o "chute", ou com as "pegadinhas", injustiças presentes no vestibular de múltipla escolha.

Terá sempre maiores chances de ingressar no vestibular da Unicamp, o aluno que tenha capacidade de exprimir-se com clareza, de organizar idéias, de estabelecer relações, de interpretar dados e fatos e elaborar hipóteses que demonstrem domínio dos conteúdos das disciplinas do núcleo comum do 2º Grau, isso exige dos ingressantes um certo capital cultural.

O aluno que não possui este capital cultural com toda certeza terá mais dificuldade para passar num vestibular como o da Unicamp.

A questão do capital cultural torna-se importante quando analisamos o vestibular da Unicamp (não somente o da Unicamp), onde não temos praticamente a presença de estratos baixos, não há fracassos escolares absolutos (já que o indivíduo alcançou a universidade), e estamos lidando com jovens de estratos mais altos da sociedade, aos quais, quando falta capital cultural, não é tanto porque lhes falte capital ou renda, mas porque são "resultados de uma história cultural específica de nação colonizada" (Whitaker, 1981; p 122), conseqüência de uma urbanização recente. Portanto, podemos dizer que o capital cultural não reflete mecanicamente apenas a riqueza das famílias.

Mas como vimos, o vestibular também pode trazer para a Universidade muitos jovens cujas famílias, embora menos cultas, foram beneficiadas pelo modelo econômico, alcançando posições de relevo na nova sociedade urbano-industrial, tal como descreve

Pareto (1916) ao analisar a "circulação das elites". Os vestibulandos em geral, não apenas os da Unicamp, apostam nessa "circulação", embora através de ações não-lógicas.

Sobre os resultados encontrados neste trabalho, no que se refere a ordem de elitização dos cursos, podemos dizer que os cursos mais elitizados estão presentes em todos os anos nas primeiras colocações, ou seja, sempre são os mesmos. É certo que entre eles, existe uma certa alternação, mudam de lugar, mas são sempre os mesmos quando observamos os mais elitizados de cada ano.

Finalmente, a resposta à questão inicial sobre se o perfil sócio-econômico cultural dos ingressantes na Unicamp indica um processo de elitização na escolha de determinados cursos, podemos dizer que o aumento do grau de elitização nos oito anos analisados se dá em determinados cursos como é o caso de Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Educação Física, Engenharia de Alimentos, Educação Artística, Artes Cênicas, Medicina e Odontologia. Estes cursos não são simplesmente mais ou menos elitizados, mas passam por um processo de aumento do grau de elitização a cada ano.

Os cursos de Engenharia da Computação, Engenharia Agrícola, Economia, Ciências Sociais, Letras e Lingüística, Matemática Aplicada, Engenharia Química, Filosofia, Música, História, Estatística e Biologia, independente de serem cursos mais ou menos elitizados, a figura que representa cada um deles mostrou que são cursos que se mantêm, ao longo dos oito anos, nos mesmos graus de elitização, não se notando nenhuma forte indicação de alteração.

E os cursos de Engenharia Elétrica, Física, Matemática, Química, Dança, Pedagogia, Matemática Noturno, Pedagogia Noturno, Enfermagem, Tecnologia de Obras, Tecnologia Sanitária e Tecnologia de Edifícios estão passando por um processo de redução constante no grau de elitização nos últimos anos.

Ao longo deste trabalho, pudemos destacar que os fenômenos em pauta não são mecânicos, mas cheios de nuances. Não podemos dizer que os cursos analisados aqui comportam-se de determinadas maneiras por obedecerem certos padrões ou movimentos mecânicos, porque, como bem interpretou Pareto (1902), a “dança” dos cursos constatada neste trabalho, sem exceção, correspondem a ações não-lógicas, sendo as ações não-lógicas aquelas em que os meios não estão associados aos fins, nem na realidade, nem na consciência.

Pareto (1916) considera que todas as condutas não-lógicas comportam, num certo grau, uma motivação de sentimento. Um exemplo disto é o curso de Medicina, que mesmo com a desvalorização financeira porque passa o profissional da saúde no Brasil hoje, continua a ter os vestibulares mais concorridos.

Em uma entrevista concedida à Assessoria de Imprensa da Unicamp, o aluno aprovado em primeiro lugar no ano de 1992, no curso de Medicina justifica sua escolha: "*Foi por influência de minha família* (pai engenheiro que enveredou pelo ramo da hotelaria), *que abandonei a preferência inicial por engenheira, acabando por cursar Medicina, foi uma escolha mais racional*" - avalia Marco Antonio - 17 anos (*Jornal da Unicamp* - março/1992).

Porém este aluno não continua justificando o que seria esta "escolha mais racional", e nem precisaria. Segundo Pareto (1902), estas são as ações não-lógicas ligadas a fatores históricos. Neste caso o que pesa é o prestígio do curso, *status* da profissão, etc, como já dissemos.

Podemos dizer então, que os cursos se elitizam não por relações mecânicas com o mercado de trabalho, mas por conjuntos de fatores históricos ligados a prestígio, *status* antigo de profissão, outros condicionantes sociais que são trabalhados pelo imaginário dos envolvidos, sem a "lógica" que seria dada imediatamente pelo cálculo dos ganhos a serem obtidos no futuro daquela profissão.

Anexo I (Outros Cursos)
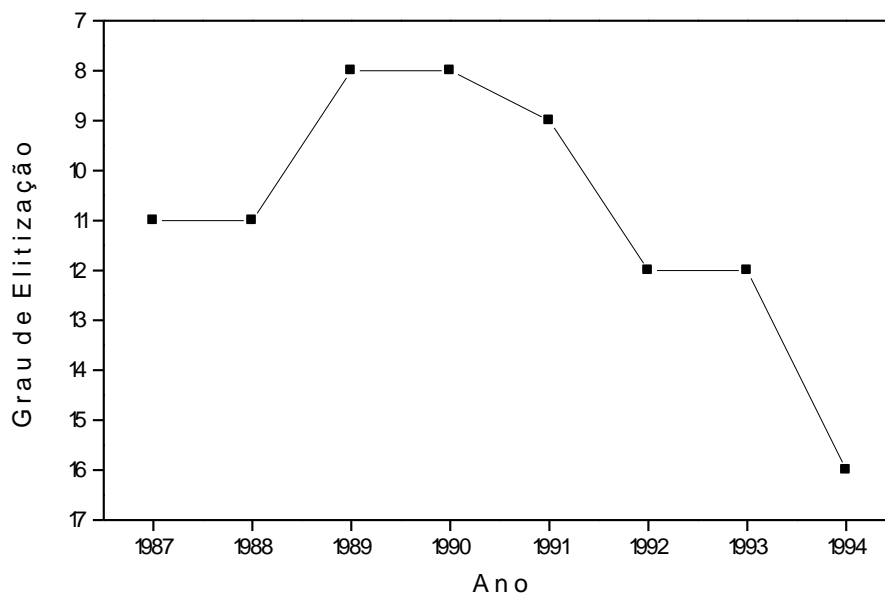
Figura 15 - Classificação do Curso de Física em cada ano
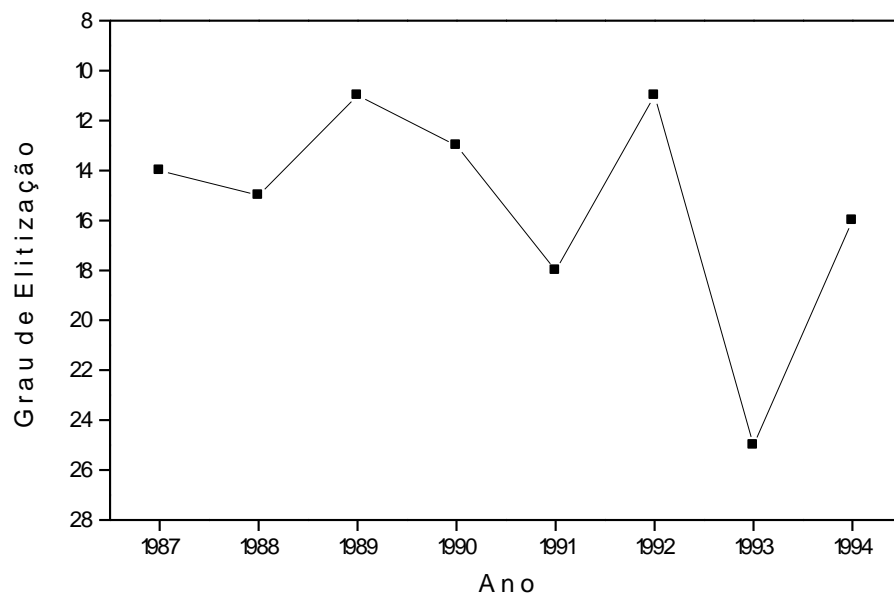
Figura 16 - Classificação do Curso de Matemática em cada ano
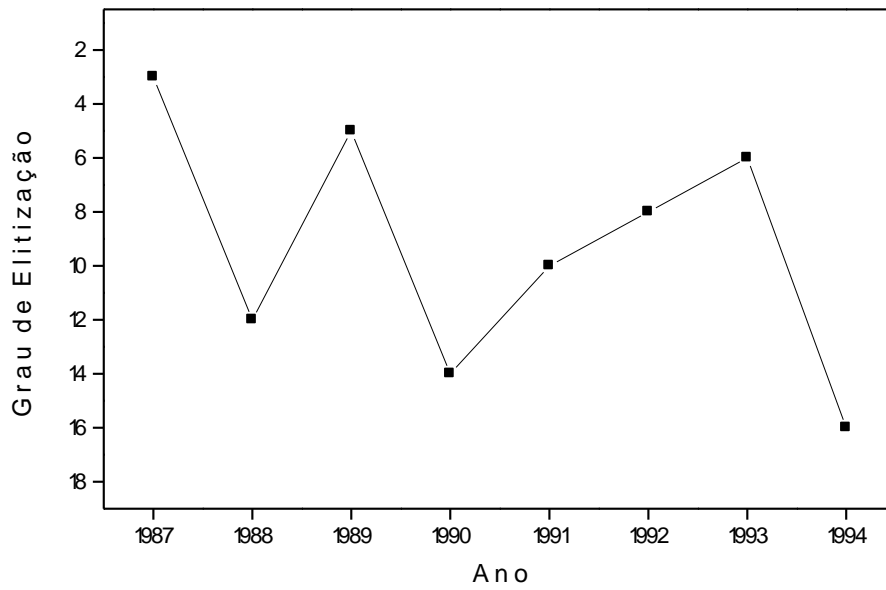
Figura 17 - Classificação do Curso de Matemática Aplicada em cada ano
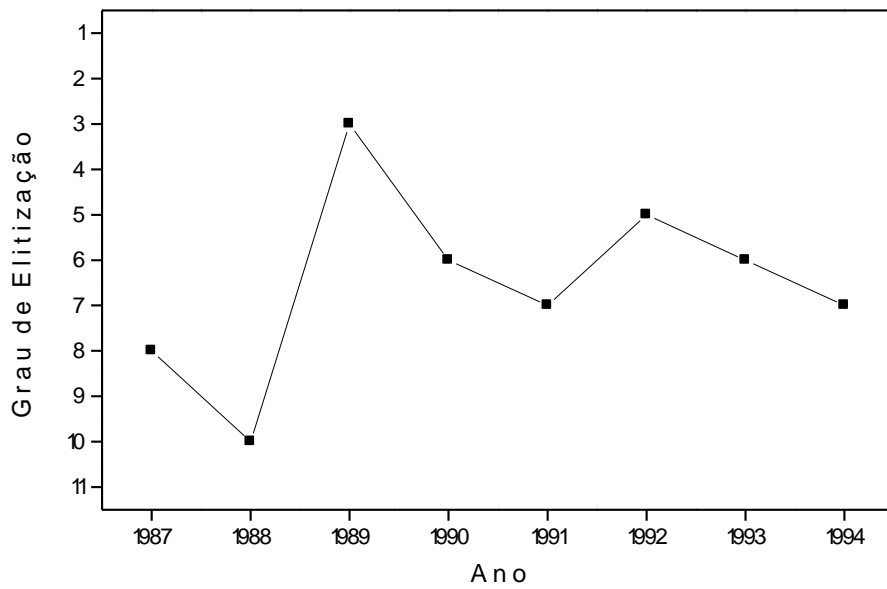
Figura 18 - Classificação do Curso de Engenharia Química em cada ano
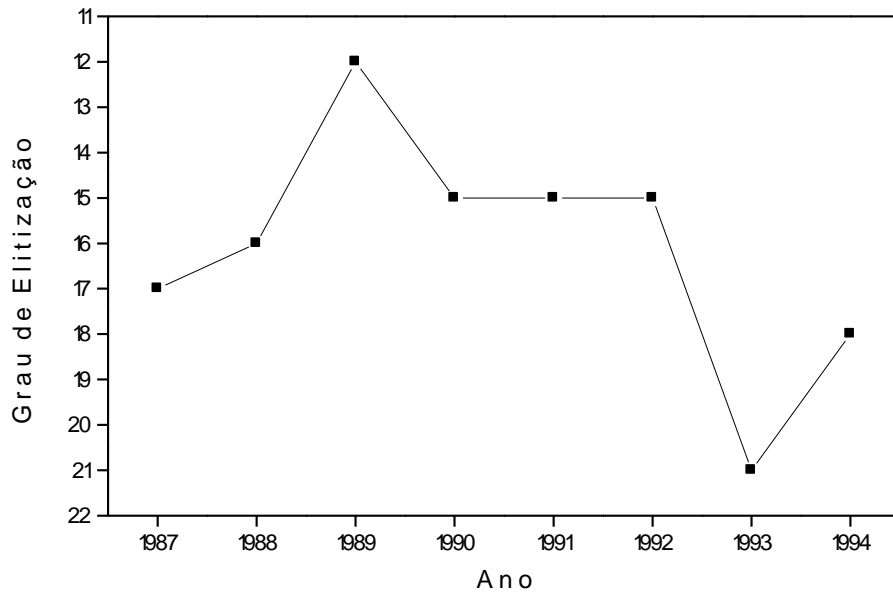
Figura 19 - Classificação do Curso de Química em cada ano
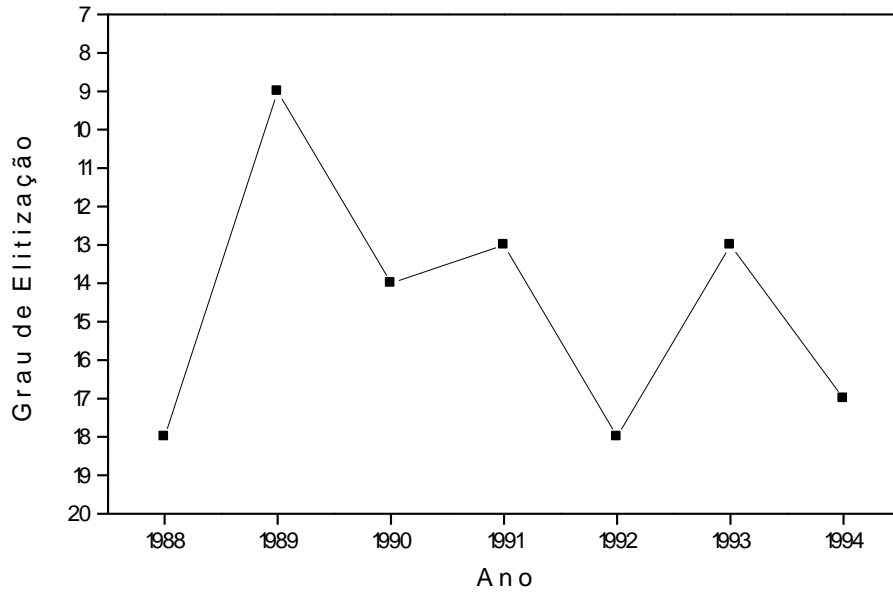
Figura 20 - Classificação do Curso de Filosofia em cada ano
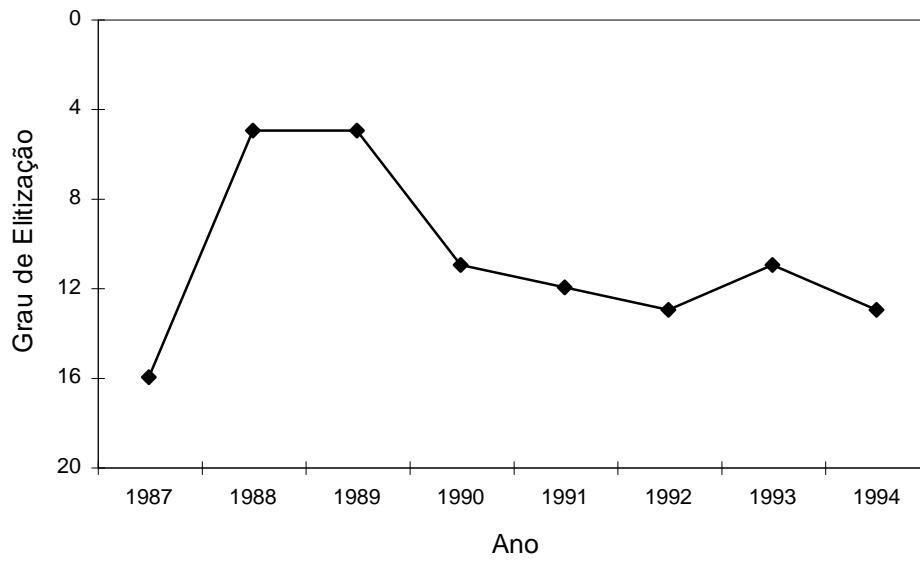
Figura 21 - Classificação do curso de Música em cada ano
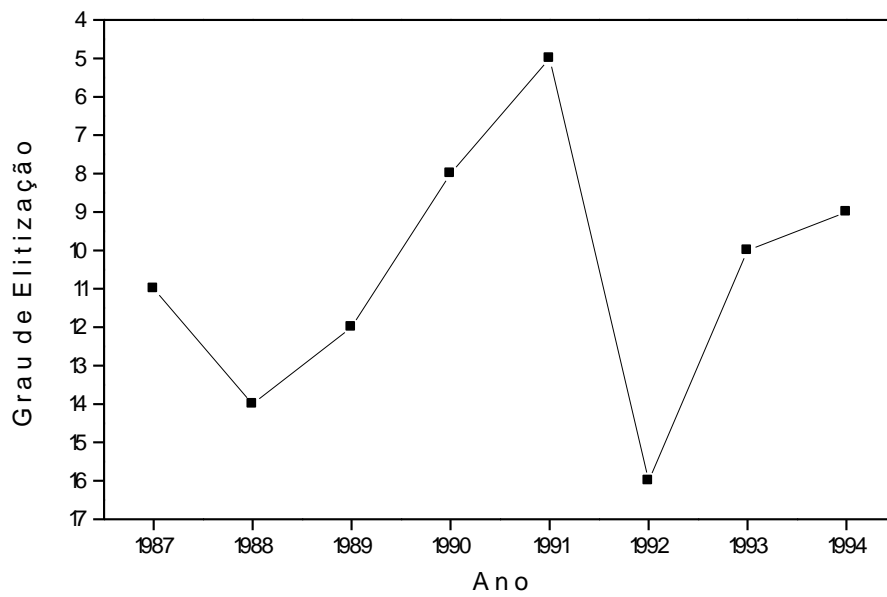
Figura 22 - Classificação do Curso de Educação Artística em casa ano
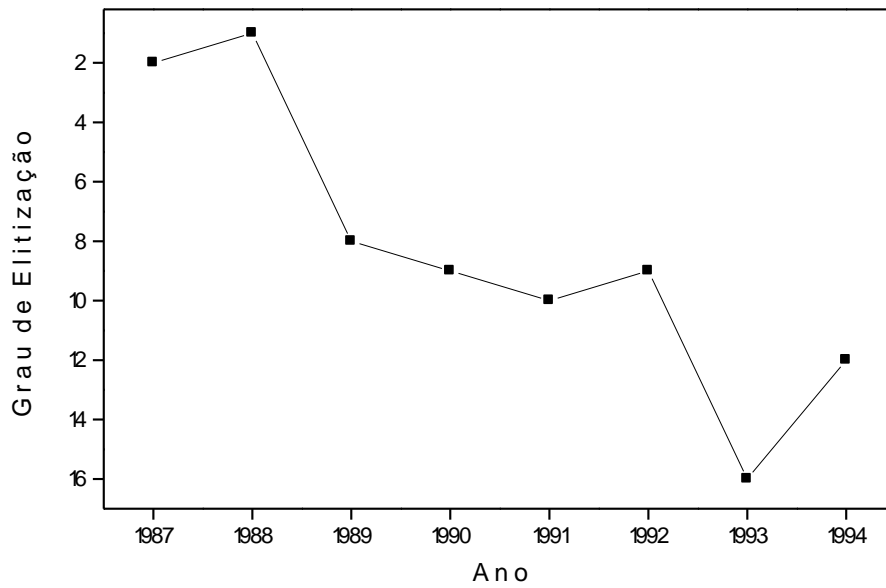
Figura 23 - Classificação do Curso de Dança em cada ano.
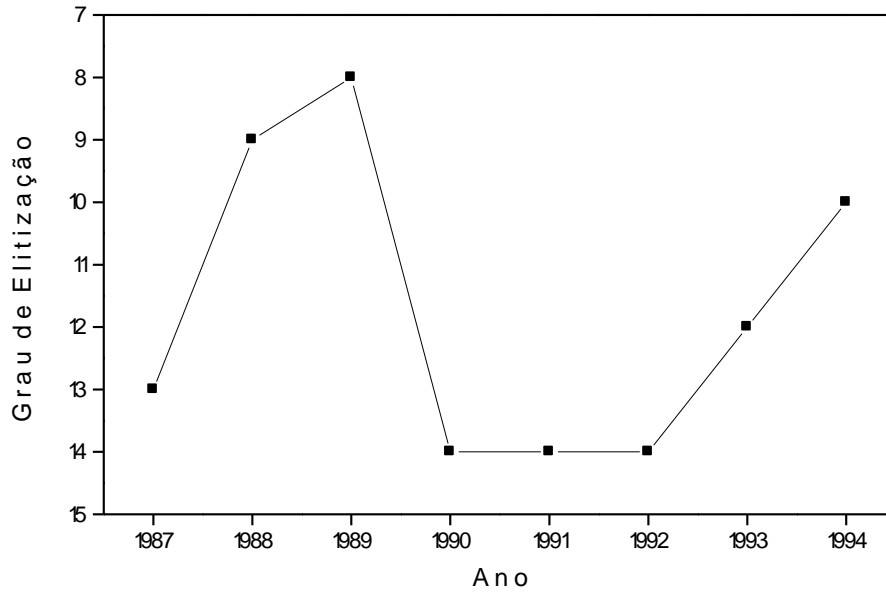
Figura 24 - Classificação do Curso de Artes Cênicas em cada ano.
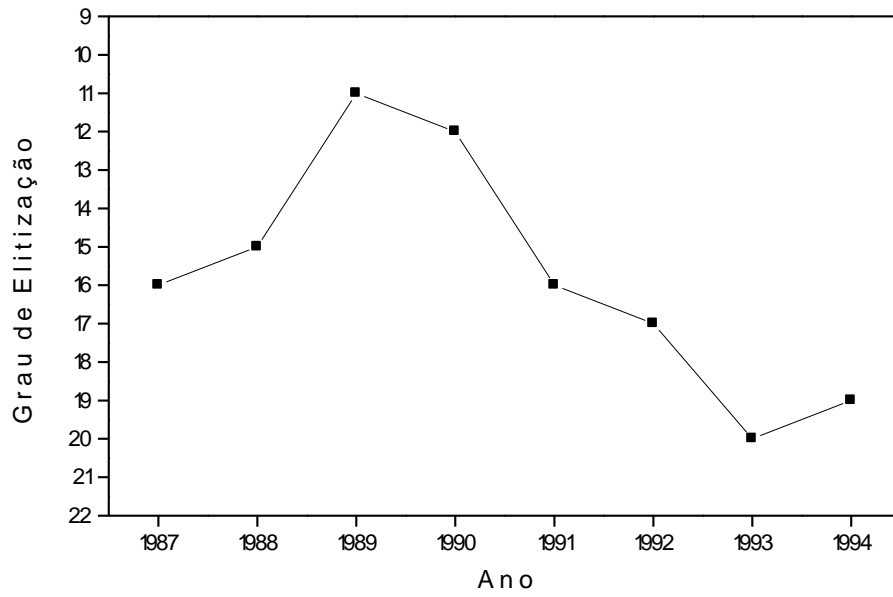
Figura 25 - Classificação do Curso de Pedagogia em cada ano
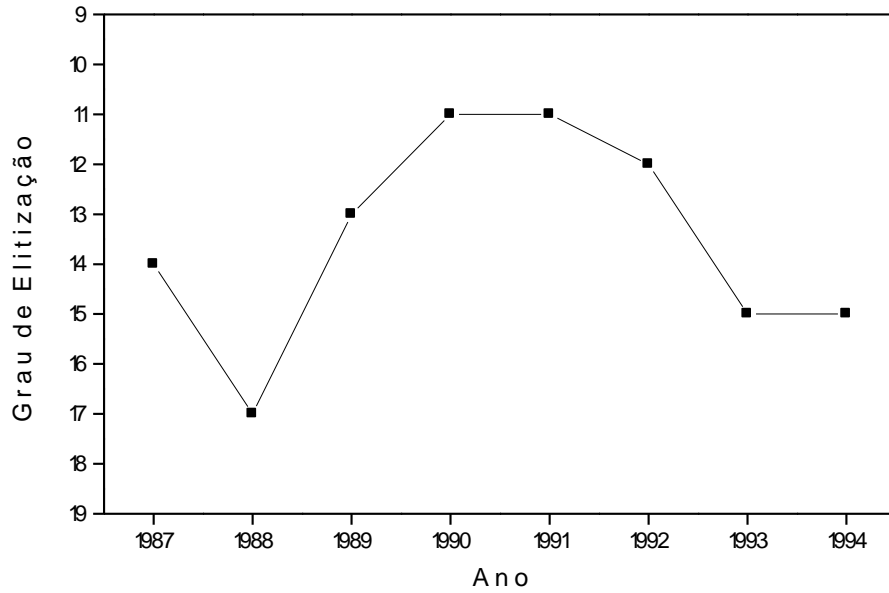
Figura 26 - Classificação do Curso História em cada ano
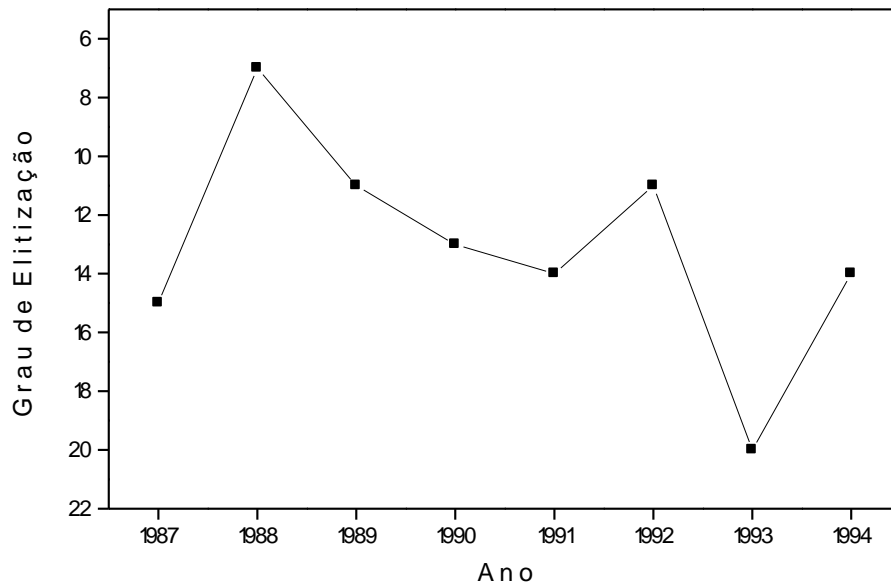
Figura 27 - Classificação do Curso de Estatística em cada ano
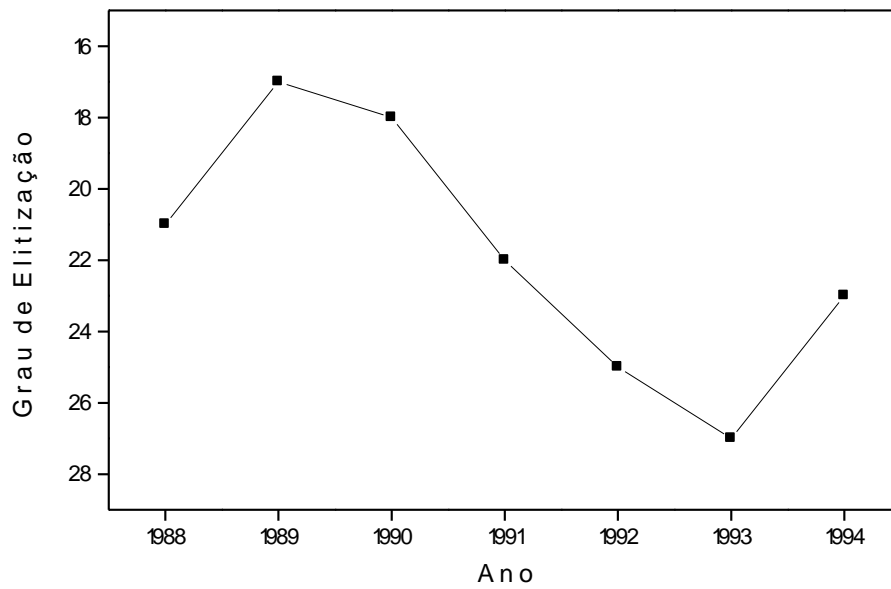
Figura 28 - Classificação do Curso de Matemática Noturno em cada ano.
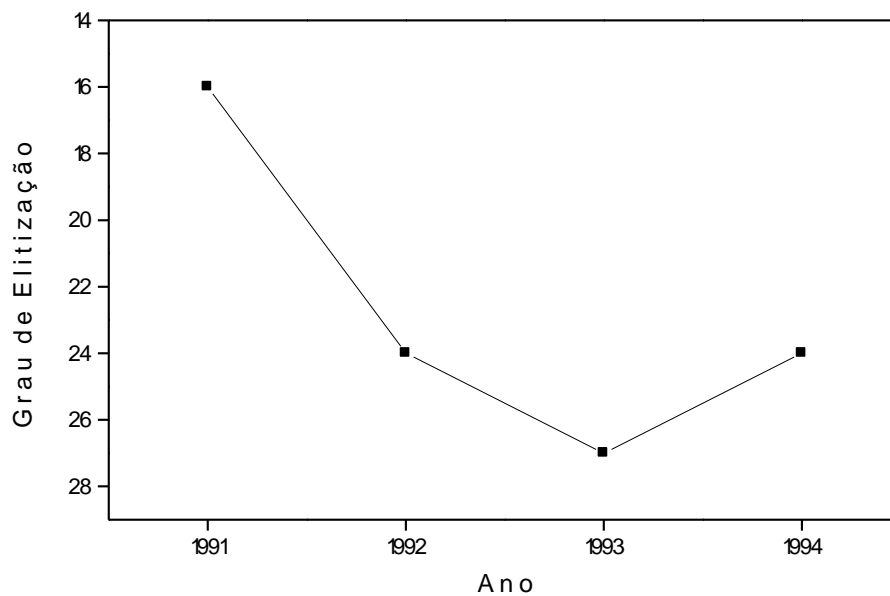
Figura 29 - Classificação do Curso de Pedagogia Noturno em cada ano.
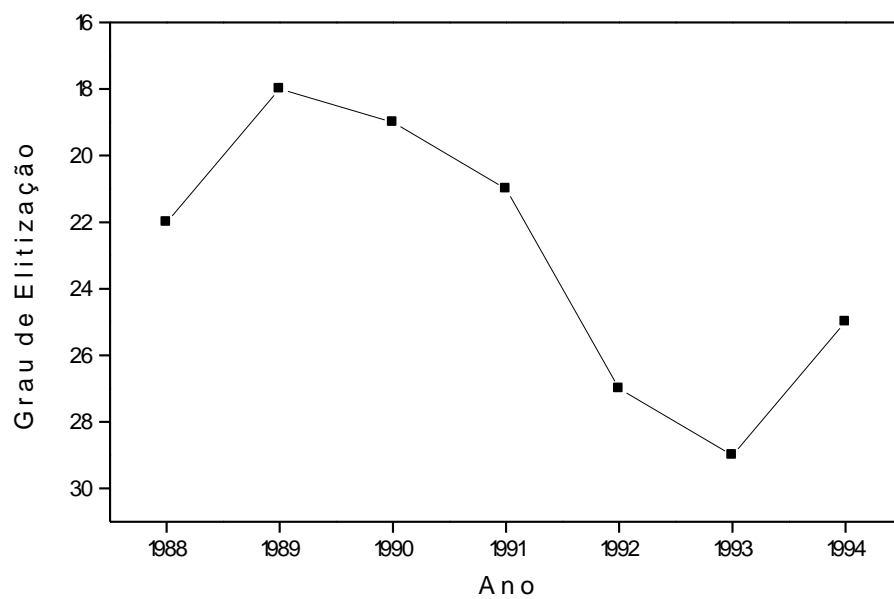
Figura 30 - Classificação do Curso de Tecnologia Sanitária em cada ano
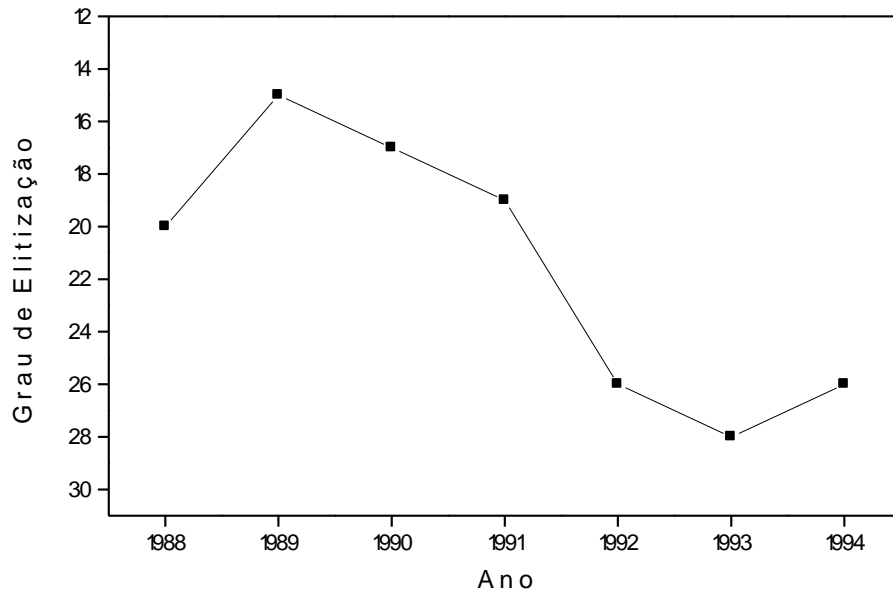
Figura 31 - Classificação do Curso de Tecnologia de Edifícios em cada ano.
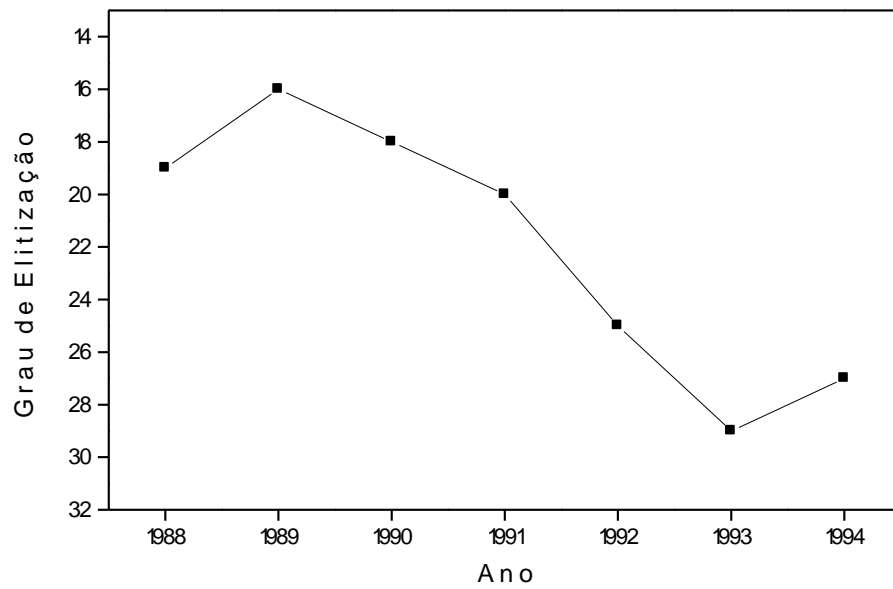
Figura 32 - Classificação do Curso de Tecnologia de Obras em cada ano.

Referências Bibliográficas

Benzécri, J.P. (1992) “Correspondence Analysis Handbook”. *Statistics, Textbooks and Monografhs*. New York, Marcel Dekker, Inc, v.125

Bourdieu, P. **(**1979) “Les trois états du capital culturel”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociale.* Paris, 30, p. 3-6.

Foracchi, M.M. *(*1982) *A Participação Social dos excluídos*. São Paulo, HUCITEC.

Germano, J.W. **(**1990) *Estado Militar e Educação no Brasil, 1964/1985: Um Estudo Sobre a Política Educacional* - Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

Greenacre, M.J. **(**1984) *Theory and Applications of Correspondence Analysis,* Academis Press Inc., Londres.

Kawamura, L.K. **(**1977) *Engenheiro: Trabalho e Ideologia*; São Paulo - FFLCH - USP, Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

Lima, E.J.S. **(**1989) *A Criação da Unicamp, Administração e Relações de Poder em uma Perspectiva Histórica,* Dissertação de Mestrado - Unicamp (F.E.), Campinas,.

Meneguel, S.M. **(**1994) *Zeferino Vaz e a Unicamp - uma trajetória e um modelo de Univerdade,* Campinas, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

Pareto, V. **(**1916) *The Mind and Society* - tradução inglesa do seu livro *Trattato di Sociologia Generale,* London.

Pareto, V. **(**1902) *Les systèmes socialistas, Paris.*

Prandi, R. (1982) *Os Favoritos Degradados; Ensino Superior e Profisões de Nível Universitário no Brasil hoje,* São Paulo, Edições Loyola.

Unicamp/COMVEST. *O Novo Vestibular da Unicamp - Relatório relativo ao quadriênio 87-90.*

Unicamp/COMVEST (1992) *Vestibular aponta primeiro colocado - Jornal Unicamp - março.*

Unicamp/COMVEST (1994) *PERFIL: Vestibular Unicamp.*

Unicamp/COMVEST. *O vestibular Unicamp 92 em dados.*

Unicamp/COMVEST. *O vestibular Unicamp 93 em dados.*

Unicamp/COMVEST. *O vestibular Unicamp 94 em dados.*

Unicamp (1995) *Revista do Vestibulando*.

Whitaker, D.C.A. **(**1989) *Unesp: Diferentes Perfis de Candidatos para Diferentes Cursos.* Estudo de Variáveis Formadoras do Capital Cultural. São Paulo, VUNESP.

Whitaker, D.C.A. *(*1986) *A Escolha da Carreira* - Profissões 2º edição, São Paulo, Editora Moderna.

Whitaker, D.C.A. *(*1981) “O vestibular como instrumento de política educacional” in *Anais da 1º Conferência Brasileira de Educação* , Cortês Ed.